

Luiz Otávio Dobal

**Lembranças de Bailes
&
Outras Estórias**



2005

Copyright© Luiz Otávio Dobal

3777/1 – 0500 – 100 – 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dobal, Luiz Otávio

Lembranças de bailes & outras estórias / Luiz
Otávio Dobal. – São Paulo : Scortecci, 2005.

ISBN 85-366-0341-0

1. Contos brasileiros I. Título.

05-3696

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869.93

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefax: (11) 3032-1179 e (11) 3032-6501

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

www.asabeça.com.br

Capa e Contracapa – Ilustração e Composição de Marta Dobal

*Para minha Marta,
que me faz sorrir e ser feliz.*

PREFÁCIO

Escrever um livro é um ato ridículo. Ridículo no sentido em que o autor se expõe, expõe suas fantasias, seus desejos, muitas vezes expõe sua alma. E por isso ou apesar disso, os leitores sempre acharão tamanha exposição um ato ridículo.

Em seu Poema em Linha Reta, Fernando Pessoa escreveu:

*“Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...”*

Somos assim, tolos seres humanos, medrosos e com dificuldade de aceitar nossos próprios ridículos. Dificilmente acreditamos na dimensão de nossa capacidade criativa.

Quando vejo este livro pronto e lembro toda a determinação necessária para criá-lo, todo o burlesco que ele representa, à medida que revela toda imaginação do autor, experimento uma enorme sensação de alegria. Qualquer ridículo me parece tolerável quando o autor se torna público. Dobal, como a maioria dos escritores, não precisa ser um primor de coragem, visto que se esconde atrás de personagens que provavelmente não reconhecerá como sendo ele, mas certamente com firmeza deu um grande passo enfrentando as limitações que há em todos nós. Criou. Deixou brotar sua alma inventiva, libertou suas fantasias e cresceu.

Espero que as pessoas que venham a ler este livro além de se divertirem e se emocionarem, também cresçam. Quem sabe assim, quando assistirmos aquelas famosas regressões de vidas passadas, tenhamos também operários e camponeses e não apenas príncipes.

Marta Dobal
(Publicitária e Esposa do Autor)

LEMBRANÇAS DE BAILES

“Deixe-me livre, preciso voar”. Eu ouvi esta frase há 30 anos atrás. É impressionante o tempo que algo fica gravado em nossa memória. Se eu tivesse escrito esta frase num papel provavelmente já teria se apagado. Não lembro de muita coisa daquela época, o ano era 1969 e eu tinha 14 anos. A maioria das coisas que me lembro provavelmente li em jornais, revistas ou livros de história. A gente sabe que está velho quando nossas lembranças estão impressas em papel. Às vezes acho que certos momentos de minha vida nem aconteceram, apenas inventei recordações e adaptei à história. Depois dos quarenta não se tem certeza de nada com mais de vinte anos. Mas esta frase lembro com clareza, ela ficou registrada de forma precisa, talvez por ter sido dita pela minha primeira grande paixão. Ela tinha 10 anos a mais que eu, isso era motivo de inveja de todos os meus amigos. Minha turma regulava entre 14 e 17 anos e eu era o caçula, nenhum deles entendia como eu tinha conseguido conquistar aquele avião. Porque ela era linda, morena, olhos verdes, seios perfeitos, um corpo que na época não lembro a palavra que se usava para defini-lo, mas hoje se diria: “sarado”. Nunca entendi bem esta expressão, mas meu filho quando fala isso se referindo a uma mulher seus olhos brilham da mesma forma que brilhavam os meus há 30 anos atrás. Fico imaginando que tipo de reação minha turma teria hoje, eu estou com 44 anos e fora a barriga protuberante estou em forma, não estou “sarado”, mas ainda impressiono, ela deve estar com 54 anos e com certeza ninguém me cobriria de elogios se desfilasse com uma coroa dessa idade. Mas na época eu virei um Deus para eles, e é claro que inventei uma série de histórias sobre minha conquista. Na verdade, no dia em que a conheci a única coisa que fiz foi tentar não acordar de um sonho.

Estava com a turma em um baile no clube Tamoios de São Gonçalo, o conjunto que tocava era os Fevers - talvez tenha inventado o clube e o conjunto, mas isso não altera a história, e eu tenho quase certeza que era isso mesmo - como todos os fins de semana, essa era a melhor diversão da turma e às vezes a única. Minha turma escolhia um canto perto do bar do clube - era o Tamoios, não há outro no meu passado - e passava a noite toda por

ali, falando mal e criticando todos que passavam. Eu sempre ficava uma meia hora e depois desaparecia voltando sempre meia hora antes do baile acabar. Fazia isto por vários motivos: por achar improdutivo ficar ao lado de um bar sem dinheiro nem idade para beber; para fugir um pouco das brincadeiras e cascudos que sobravam para mim por ser o mais novo da turma; e principalmente para contar estórias mentirosas das meninas com quem tinha dançado e beijado a noite inteira. Acho que eles nunca acreditaram nas minhas estórias até aquele dia, só ouviam e fingiam acreditar, porque eles mentiam também. Mas quando me viram com aquela Deusa não importava o tamanho das mentiras que eu contasse, eles acreditavam.

Foi uma noite como tantas outras, não aconteceu nada especial, nenhum sinal. Às vezes quando lembro daquele momento imagino que foi algo premeditado, não por mim ou por ela, mas por algum Deus alegre e brincalhão. Este Deus não sei por que resolveu me escolher e me presentear com aquele momento, e depois com o poder que só os Deuses têm, gravou tudo em meu subconsciente para que eu pudesse lembrar sempre. Como disse não houve nenhum sinal, nenhuma estrela caiu, não ouvi uma música especial, nada. A noite acontecia seguindo o script de sempre. Com meia hora de baile afastei-me da turma e busquei meu canto perto do salão. Era um canto entre duas pilastras, de frente para o palco onde estava o conjunto - eram os Fevers, agora tenho certeza - gostava desse lugar porque era meio escuro, uma penumbra, de onde eu podia ver sem ser visto. Normalmente ficava ali um bom tempo observando as meninas e buscando uma feia. As feias dificilmente recusavam uma dança porque era raro alguém chamá-las, e depois de dançar com uma feia as bonitas se interessavam por mim só para mostrar para as feias que eram melhores que elas. Parece complicado, mas é só a natureza feminina. Hoje sinto orgulho, pois aos 14 anos já conhecia as mulheres. Foi ali que ela me encontrou, nunca soube como. Ela simplesmente surgiu da luz e segurou no meu braço, eu me assustei, é absurdo, mas me assustei. Caramba, eu tinha 14 anos. Ela me puxou e levou-me para a luz, para o centro do salão. Foi só então que a vi de verdade. É engraçado, mas a primeira visão que tive dela foi de costas, e aqueles quadris balançando a bunda eram celestiais. Ela me puxava pelo braço e eu não reagia. Quando chegamos no centro do salão, ela virou-se e me abraçou, começamos a dançar. O conjunto iniciou uma música de Simon & Garfunkel - eram os

Fevers, certeza - e essa até hoje é a música mais linda que já dancei. Ela vestia uma calça Lee e camiseta branca, um modelito básico. Na verdade, aprendi este termo uns 20 anos depois, na hora apenas achei sua roupa linda. Não vou descrever minha roupa, com certeza todos iriam rir, mas é preciso entender que era final dos anos 60. Ah!! Muito importante, ela não usava sutiã!!! Meu filho com certeza não entenderia esse meu espanto, para ele ninguém com 24 anos usa sutiã, mas naqueles dias uma mulher sem sutiã era mais rara que democracia. Ela começou a alisar minhas costas e eu mais por instinto do que por malandragem fiz o mesmo. Em algum momento sua boca deslizou por meu pescoço e parou em frente à minha. Foi o segundo mais longo da minha vida. Aqueles lábios a um milímetro, aqueles olhos verdes olhando dentro de mim. Eu a beijei, tenho certeza de que fui eu que tomei a iniciativa. É claro que isso não tem a menor importância, mas sei que fui eu. A partir daí o mundo a minha volta acabou e como em Gênesis um novo nasceu de nós dois. Poderia dizer que me tornei homem naquele instante, mas seria exagero, ninguém amadurece aos 14 anos num baile de fim de semana ouvindo os Fevers - era os Fevers, não tenho dúvida nenhuma - mas algo espetacular aconteceu, tenho certeza. Durante muito tempo achei que aquela noite fiz sexo com ela. É claro que não fiz, sequer saímos do meio do salão, mas para um menino de 14 anos aquele amasso era mais do que sexo, lembre-se estávamos no fim dos anos 60. Nos atracamos durante três ou quatro músicas e de repente ela se afastou e iniciou o mais curto e mais importante diálogo da minha vida: “Preciso ir embora”. Ela não podia fazer aquilo, minha ereção ainda duraria umas duas horas e sem ela abraçada a mim o clube inteiro iria notar. O que eu não sabia era que minha ereção era o menos importante. Naquele momento todo o clube, inclusive minha turma que pela primeira vez em anos tinha se afastado do bar, tinham me elevado à categoria de Deus. Para eles eu havia subido ao Olimpo e tocado na Deusa da beleza, eu era especial. Só consegui balbuciar, meio gago, meio bobo: “Fica comigo”. Foi então que ela largou minha mão e levitando para longe do salão e de minha vida partiu de volta ao Nirvana, deixando comigo uma doce lembrança e a frase que nunca consegui esquecer: **“Deixe-me livre, preciso voar”**.

Manual da Esposa

Este pequeno manual foi elaborado atendendo a uma antiga reivindicação de mulheres amorosas, que apesar de várias tentativas, continuam tendo dificuldades para agradar seus maridos. Seguindo estes singelos ensinamentos, estas atenciosas esposas tornarão a vida de seus amados bastante agradável. Mas atenção, não basta fazer apenas o que diz este manual, a busca da felicidade de seus pares precisa ser uma constante, por isto nunca desanimem.

Regra nº 01 – O seu marido é a pessoa mais importante do mundo, não importa que sua mãe diga exatamente o contrário.

Regra nº 02 – Como já dizia Paul Dickson: "Nunca tente ensinar um porco a cantar, você perderá o seu tempo e aborrecerá o porco". Portanto jamais tente mudar seu marido, mesmo sabendo que estudos científicos comprovam que o orgasmo do porco dura em média trinta minutos.

Regra nº 03 – Todos os homens veem apenas 16 cores. O salmão é um peixe, não uma cor. Maridos (com exceção dos decoradores) não sabem o que é a cor fúcsia, muito menos como se escreve.

Regra nº 04 – Os maridos (com exceção dos decoradores) tem três pares de sapatos. Portanto, nunca peça auxílio para decidir qual dos 30 pares que você tem vai melhor com aquele vestido.

Regra n° 05 – Futebol é realmente importante. Cerveja gelada e tira-gosto de queijo, são sim muito saborosos (exceto para decoradores).

Regra n° 06 – Nunca imponha regras para o seu marido, elas foram feitas para as esposas (e os decoradores).

Regra n° 07 – Se você tiver dúvida sobre alguma questão a resolver, decida-se pensando sempre na regra n° 01. (E o porco!!!)

○ Palhaço

Conheceu-a em um parque de diversões, numa tarde de domingo, em um lindo dia do princípio da primavera. As coisas aconteceram assim, meio de repente e, quando deram por si já estavam juntos há seis meses. Ela vivia repetindo que o melhor dele era que a fazia rir, que era muito divertido, que era um palhaço. Sempre que ela dizia isto ele repetia que quando se conheceram, ele também estava passeando e não trabalhando no parque. Ela achava isto muito engraçado, achava ele muito engraçado. Então ela ria, ria, e ria, e quando conseguia se controlar, falava: você é um palhaço.

No princípio ele não ligou, estavam se dando bem, se entendiam em quase tudo. Era bom estar com ela, muito bom. Ele pensava: é a mulher dos meus sonhos. Tudo ia bem, o tempo passava e a relação só melhorava. Ela era perfeita. Mas tinha aquele detalhe, só aquele. Sempre que estavam numa boa, ela ria, ria, e ria, e terminava dizendo: você é um palhaço. Era só um detalhe, e no princípio ele não se importou. Por que se importaria se era só um detalhe?

Um dia ele se irritou. Nunca soube se foi porque aquilo se repetia há muito tempo, se foi porque ele teve um dia difícil, ou se foi porque ela falou antes de rir. Ela sempre falava depois de rir, nunca antes. Pode não parecer importante, mas a posição em que se coloca ou se diz uma frase quase sempre altera o sentido do que se fala e às vezes também o humor de quem ouve. O fato é que ele se irritou e gritou com ela, que se assustou, se aborreceu de verdade, e ao invés de sorrir chorou. Chorou e mudou a frase: você é um grosso e eu nunca mais quero te ver. Separaram-se. Parecia impossível, um casal tão perfeito, se davam tão bem, mas se separaram. Ele sofreu, sofreu e percebeu a tolice de seu gesto.

Ele procurou por ela e não foi recebido. Ela estava realmente magoada. Mandou flores, bombons, cartas de amor, mil desculpas e mais de mil juras de amor. Nada. Ela devolvia tudo sem ao menos abrir ou ler. Estava realmente magoada. Ele estava perdido, havia perdido seu grande amor. Pensava em desistir, dela, da vida, de si mesmo. Então um anjo, talvez o cupido, colocou uma ideia em sua mente, talvez uma grande ideia, talvez uma grande loucura. Mas por que não?

Na sexta-feira ela saiu do escritório, atravessou a rua, e ao dobrar a esquina lá estava ele. Vestia uma calça enorme presa por enormes suspensórios, uma camisa listrada bem solta e leve, sapatos imensos, peruca loura de cabelos crespos, na cabeça um pequeno chapéu com uma margarida de plástico presa no topo, o rosto pintado em cores alegres com um vermelho realçando e aumentando a boca, tinha também um nariz de plástico arredondado e vermelho. Na mão segurava um cartaz onde estava escrito com letras enormes um singelo: TE AMO.

Ela se aproximou. Ele deixou a cabeça cair levemente sobre o ombro direito e, com a ajuda de um oculto canudo, produziu uma falsa lágrima que rolou lentamente por sua face. Ela ficou emocionada, então o abraçou e começou a sorrir, e depois a rir, rir e rir. Os dois abraçados na hora do rush. Ela ria, ria e ria. Já havia juntado bastante gente para assistir a cena quando ela tentando controlar o riso falou: você é um palhaço.

Ele não ligou, não ligaria nunca mais. Por que ligar? Ele estava feliz, muito feliz, estavam abraçados, e novamente juntos.

MANIFESTO EM DEFESA DOS DIREITOS INDIVIDUAIS E CONTRA A PERSEGUIÇÃO DA MINORIA CAPAZ DE REALIZAR FEITIÇOS, MAGIAS E OUTRAS COSITAS MAIS.

Queridas amigas, amigas não que isso é coisa de fadinha. Queridas colegas, é chegada a hora da revolução, a humanidade já espezinhou nossa classe durante séculos, é preciso reagir. Durante anos fomos perseguidas e até queimadas em nome da ignorância dos pobres mortais. Ainda hoje somos incompreendidas. Só para citar um exemplo, por que associar nosso nome a coisas ruins? E porque toda vez que citam uma mocréia usam nosso nome? Isto tem que acabar, é chegada o momento da grande virada. Vamos unir nossas vassouras e exigir o que é nosso de direito. Chega de negociar, o mundo precisa conhecer nosso poder. Vamos exigir que se cumpra no mínimo os sete direitos fundamentais da classe, que são:

- Direito a segurança para nossas casas de doces contra meninos e meninas gulosos.
- Direito a cartão de milhagem e sala vip em aeroportos especiais para vassouras.
- Direito a cartão de descontos na compra de caldeirões, sapos e lagartos.
- Direito a reuniões no Oton Palace, que esse negócio de floresta já era.
- Direito a extração de verrugas pelo SUS.
- Direito ao casamento com príncipes que viraram sapos e vice-versa.

- Direito ao recebimento de royalties sobre o comércio de maçãs e programas da Microsoft.

**13 DE AGOSTO - A HORA É ESTA.
VAMOS À LUTA, E BRUXA É A TUA SOGRA.**

Assinam este manifesto: Madame Mim, Maga Patológica, Hebe Camargo, Luiza Erundina e mais 5.000 assinaturas (inclusive uma de alguém que você conhece).

○ Clone

Eram três da madrugada e ele estava muito sonolento quando, comandado pelo piloto automático se dirigiu à porta da sala e a abriu. A figura que tocou a campainha e agora sorria no corredor, apesar do susto, o fez pensar que estava sonhando. Era ele mesmo, exatamente ele, só que com vinte anos a menos.

- Posso entrar? Perguntou a figura.

Era uma pergunta normal, com a diferença de que a voz era a dele na boca do outro, só que mais jovem.

- Como?

O outro não respondeu, pois já estava entrando e se sentando no sofá. Ele aturdido e ainda no automático fechou a porta, sentou-se também no sofá e perguntou:

- Quem é você e o que está fazendo aqui?

- Eu sou seu clone. Já estava na hora da gente se conhecer, e como você não sabia da minha existência então eu vim me apresentar.

- Isso é piada? É pegadinha?!

- Que pegadinha cara, é sério. Eu sou seu clone.

- Sei!? Meu clone!? E foi o doutor Albière que começou tudo isso.

- Albière?! Quem é esse cara?

- Não importa, deixa pra lá. Mas o que você quer comigo?

- Eu quero te agradecer por ter cedido sua célula e queria também ficar com você.

- Pela célula não tem de que, mas você quer ficar comigo por quê?

- Ora, você é minha única família!

- Escuta, essas coisas não são assim. Eu nem sei seu nome.

- Ed, pode me chamar de Ed.

- Ed, de Eduardo? Você se chama Eduardo?

- Não, eu me chamo Carlos Alberto. Mas eu adoro esse apelido. Ed. É sonoro, você não acha?

- Sonoro?! É, um pouco. Escuta Ed, você não pode ficar comigo. Eu não sei o que fazer contigo.

- Eu já sou grandinho, você não precisa cuidar de mim. Nós podemos fazer muitas coisas, podemos brincar de irmãos gêmeos, podemos trocar de namorada.

- Ed, minha namorada tem quarenta e dois anos, você deve ter vinte e cinco.

- Não importa, até que eu gosto de uma coroa.

- Escuta, já está tarde, eu estou cansado e confuso, se arruma aí no sofá que eu vou dormir. Amanhã, com a cabeça fria, a gente conversa.

- Tudo bem, mas você está preocupado à toa, e além do mais minha namorada tem dezoito anos, a vantagem seria toda sua. Ed ficou no sofá e ele voltou para o quarto onde dormiu até o meio do dia seguinte. Quando acordou foi até a sala, não encontrou ninguém e, pela enésima vez, prometeu para si mesmo que nunca mais beberia nem assistiria novelas.

Na Praça

Passou correndo, se exercitando. Era só uma menina. Não, já era bem uma mocinha. Que diferença poderia fazer? Menina, moça, o fato é que ela deixou o velho irritado. Talvez não fosse ela, mas sua roupa de ginástica, ou talvez o walkman nos ouvidos, ou seu cheiro de juventude, ou sua corrida para um futuro em que ele não estaria. Talvez ele já estivesse irritado há muitos anos e a pobre não tivesse nada com isto. Irritado por ter se aposentado não só do trabalho, mas da sua própria vida, se aposentado do prazer de viver, se aposentado da vontade de estar ali, na praça, no meio do caminho. O velho resmungou e fez isto alto para que ela ouvisse, mas havia o walkman nos ouvidos, e havia a necessidade de correr, de se exercitar. Ela não ouviu. Continuou correndo e passou sob a janela onde uma senhora de avental observava o velho sentado na praça. A senhora de avental percebeu a moça, mas estava pensando no velho e na inutilidade dos dias dele. Apesar de não o conhecer ela o considerava um preguiçoso. Como alguém com tão boa saúde se aposenta? Talvez nunca tenha trabalhado, aquele vagabundo. Provavelmente era um encostado e vivia às custas dos outros. Tem muita gente assim no mundo, mas a culpa é de quem cria, isso vem de criança, pensou. Com ela nunca foi assim, trabalhou ontem, trabalha hoje e trabalhará até o fim dos seus dias. Jamais precisará da caridade alheia, como aquele velho, aquele inútil. Resmungou irritada, mas o velho não ouviu, ele estava no outro lado da praça, seria necessário que ela gritasse para chamar a atenção dele, isso ela não faria, tinha educação, não era uma encostada qualquer, não era como ele. A moça deu outra volta na praça, com o walkman nos ouvidos. Ouvia a música, viu o velho, mas o que lhe chamou a atenção foi àquela senhora de avental na janela. Imaginou se a senhora de avental tinha ideia de como estava atrapalhando a vida dela e de todas as mulheres livres deste país. Aquele avental era um símbolo de submissão, de entrega aos homens e suas ridículas hierarquias, de negação aos valores conquistados por outras mulheres em todo mundo. Como ela não tinha vergonha de posar na janela com aquele avental, onde todos na praça poderiam perceber sua condição de mulher submissa, voltada para a tarefa inglória e condição retrógrada de dona de casa. Quanta leviandade, quanta falta

de dignidade. E principalmente, quanta falta de consideração com as outras fêmeas da espécie. Mulheres lutaram no mundo inteiro durante anos para que todas alcançassem uma condição de igualdade, queimaram sutiãs, quebraram barreiras. E aquela insensível expondo seu avental na janela como uma bandeira, pedindo uma involução, uma revolução ao inverso, uma volta às cavernas, uma volta às amarras machistas. Resmungou alto para que ela ouvisse, para que ela soubesse de sua desaprovação, do seu desprezo por aquele avental. Mas estava correndo e já havia passado pela janela. E tinha também o walkman nos ouvidos...

A Louca

Era a terceira vez que ela passava na sua frente. Aquilo já estava deixando-o intrigado. Não era só o fato dela passar toda hora por ele, isso era o de menos, afinal era uma festa, as pessoas se olham, se azaram, passam umas em frente das outras. O que estava irritando-o era que a casa por ser grande, não permitia que ele parado a visse a cada minuto na sua frente. E tinha também aquele jeito estranho, aquela maneira acintosa que ela olhava para ele. Era quase agressiva. Ela era bonita. Tinha um jeito exótico, misterioso, mas era muito bonita. E estava a fim dele, só podia estar.

Na quarta vez que ela se aproximou ele não conseguiu se controlar. Quando seus olhos se cruzaram ele sorriu e levantou a sobrancelha esquerda; daquela maneira que imaginava o tornava irresistível. Assim que percebeu o gesto dele ela se transformou. Seu rosto pareceu ter recebido uma descarga elétrica, seus cabelos ficaram eriçados, sua testa enrugou e sua expressão instantaneamente envelheceu cinquenta anos. Ele ficou com medo, pensou em fugir, sair correndo. Não conseguia, estava sem ação. A inusitada e imediata transformação dela o pegou de surpresa. Era impossível se mexer; a sobrancelha esquerda arqueada prendeu-se na testa e o sorriso grudou na boca como se ambos tivessem sido pintados. Uma caricatura; com o susto foi nisso em que ele se transformou.

Ela encostou-se na parede ao lado dele, levou o copo que segurava até os lábios, fingiu beber um gole, revirou os olhos num inacreditável ângulo de cento e oitenta graus como se quisesse ter certeza de que ninguém os observava, e então com os dentes cerrados, falou pausadamente sem abrir a boca.

- Marcelo Augusto eu não vou admitir que você fale comigo, você não devia sequer estar na mesma festa que eu. Agora abaixe essa sua sobrancelha idiota, apague esse sorriso a la Rodolfo Valentino dos pobres e me ignore; porque eu não vou lhe dirigir um olhar sequer. Estamos entendidos?

Ele além de paralisado agora estava também ofendido. Aquele era seu olhar quarenta e três, era sua maneira de se tornar irresistível, era sua forma infalível de iniciar uma conquista; e pior de tudo, ele não se chamava Marcelo Augusto. Quis protestar, mas

sua voz saiu como um gemido; um fiapo arrastado de som num pacote de pânico.

- Eu não sou o Mar...

Ela o interrompeu com agressividade e violência.

- Não fale comigo, eu te proíbo de falar comigo Marcelo Augusto...

Os dois pareciam um quadro preso a parede. Ele sequer respirava. Ela, de vez em quando levava o copo até os lábios. Não bebia, apenas roçava a borda e baixava a mão lentamente. Fazia isto de maneira tão lenta que provavelmente nem deslocava o ar.

Ficaram assim durante alguns segundos, segundos que pareceram uma eternidade. Até que ele foi invadido por uma descarga de coragem, despreendeu-se da parede, se dirigiu à porta e correu em direção ao estacionamento.

Ele entrou apressadamente no carro, trancou a porta com o pino de segurança, olhou-se no espelho retrovisor e constatou uma enorme palidez; ainda estava com medo. Depois manobrou o carro e quando passou em frente à festa vislumbrou a figura dela no centro da sala. Ela estava sorridente e cercada de vários convidados. Estava linda e esplendorosa. Pensou em voltar, mas desistiu. Afinal ela era maravilhosa, mas também era louca e, pior de tudo, ele não era o Marcelo Augusto.

○ Marciano

- Eu estou te falando, o cara é de Marte!
- Como de Marte?
- Marciano, bicho, ele é marciano, de outro planeta, ele é de Marte.
- De onde você tirou essa ideia? Ele até que é legal.
- Legal?! Ele é louco de pedra, o cara é todo diferente!
- Que diferente, ele não tem nada de mais, é normal.
- Normal? Você acha normal alguém que fala rápido, seguidamente e sem gaguejar: Três pratos de trigo para três tigres tristes?
- Como é que é?!
- Três pratos de trigo para três tigres tristes.
- Três pratos de tigo, de trigro, de tligo...
- Viu só como é terrível! Precisa ver ele falando, é assustador.
- Três pratos de tigo, de trigro, de tligo...Qual é cara, ninguém fala isso sem gaguejar.
- Ele fala, por isso que eu digo: o cara é de Marte.
- Não acredito que alguém fale isso... Três pratos de tigo, de trigro, de tligo... Como é mesmo?
- Três pratos de trigo para três tigres tristes.
- Três pratos de tigo, de trigro, de tligo...Você tem razão, isso é complicado! Mas espera aí, você já falou isto três vezes sem errar, então você também é de Marte?!
- Que de Marte! Tá maluco, eu sou é fonoaudiólogo!
- Quer dizer que você estudou para falar assim e o cara é que é maluco?
- Sabe do que mais? Enjoei dessa brincadeira, pede mais um chope e vamos falar de outra coisa para não colocar em risco nossa amizade.
- Mandou bem, então fica assim. Garçommmmmmmmm!!!

No Botequim

- O que é que *tá* havendo, *brother*? Por que você *tá* sempre na minha frente? Porque será que eu não avanço, só fico marcando passo?
- Você quer sinceridade?
- Claro que quero, pode falar.
- Isso pode ser doloroso para você. Quer mesmo que eu continue?
- Deixa de palhaçada, *brother*. Manda aí.
- Tudo bem, foi você quem pediu. Seu problema é simples. Você está empacado porque é muito pobre.
- Que *mané* pobre!? *A gente é igual*.
- Que igual. Não estou falando de grana, que eu modéstia à parte até tenho mais que você. O que quero dizer é que você tem espírito pobre, por isso não evolui.
- Que estória é essa de espírito pobre? Qual é *choque*, *tá* a fim de me sacanear?
- Eu disse que seria doloroso, você pode dizer que não, mas as provas estão todas aí.
- Que provas?
- Veja bem: a sua mulher se chama Brenda, os seus filhos chamam-se Jenniffer e Johnathan, seu sonho de consumo é ter uma casinha em Iguabinha, seu restaurante é aquele em que *mulé* acompanhada não paga, seu carro é um *chevetinho* com um plástico do Kananga colado no vidro, seu cantor preferido é o Jorge Aragão, você tem todos os discos e conhece todas as coreografias do Molejão, você paga as despesas de bar com tíquete restaurante; eu não tenho certeza, mas me parece que você corta o cabelo no Senac, e posso apostar que você frequenta o *piscinão*.
- Qual é *sangue*!? Isso é preconceito.
- É realidade meu amigo. Assim como é pobreza chamar alguém de *sangue*, sacou?
- Não saquei nada. Mas vou te mandar uma letra. Tudo o que você falou é verdade, eu realmente sou tudo isso, mas sou também honesto, trabalhador e não sou corno.
- Que papo é esse? Você está querendo me dar algum recado?

- Deixa isso *pra* lá *choque*. Vamos tomar uma cerveja e refrescar a cuca.
- Tudo bem eu sou da paz. Que venha a cerveja, desde que não seja *Cerpa*. E vê se para de me chamar de *choque*.

As Flores do Bairro

Eram como se fossem um só, Armandinho e Marlene. Mudaram-se para cá faz cinco anos, tinham acabado de se casar, estavam sempre juntos e em eterna lua de mel, tanto que todos os chamavam de “As Flores do Bairro”. Ninguém os tinha visto antes, exceto dona Alzira, que afirma que os conheceu quando compraram o apartamento, que é em cima do dela, o 602. Dona Alzira é a fofqueira do 502, e foi ela que chamou a polícia e a primeira a dar depoimento ao inspetor Alvarenga. O escrivão registrou assim: Eu nunca me interessei pela vida dos outros, mesmo assim parece que os acontecimentos procuram por mim. Estava voltando do supermercado, eu vou todos os dias ao supermercado, as vizinhas dizem que sou louca e não tenho o que fazer, mas o senhor não imagina como o Walder - Walder é meu marido - gosta de variar as refeições e está sempre faltando uma coisinha para o almoço ou o jantar, daí eu preciso sempre ir ao supermercado, e neste dia não foi diferente. Diferente foi, não é? Quando que ia imaginar acontecer uma coisa destas. Bem, eu voltava do supermercado quando ao pisar no primeiro degrau da escada da portaria, meio atrapalhada com o carrinho de compras – eu vivo dizendo nas reuniões de condomínio que precisamos de uma rampa para subir com o carrinho de compras, mas ninguém me dá ouvidos – aquilo caiu dentro do meu carrinho! No primeiro instante eu reconheci o que era, mesmo sem entender a situação, afinal não é todo dia que um membro masculino cai no carrinho de compras. Se bem que do tamanho daquele não aparece todo dia por aí. Depois de passado o susto é que percebi que no mesmo momento escutei barulho de coisas quebrando no 602. Eu identifico barulho em qualquer apartamento, sabe como é, eu moro aqui faz bastante tempo, quase trinta anos, a gente aprende a identificar a direção dos barulhos. Então eu larguei o carrinho e corri para casa, chamei a polícia e o resto o doutor já sabe. Eu não vou ser presa, vou seu doutor?

O acontecimento virou um pesadelo para o inspetor Alvarenga. Desvendar esse crime podia significar sua promoção para delegado, mas as coisas não se encaixavam. A cena do crime era uma verdadeira confusão. O inspetor Alvarenga foi o primeiro a chegar, depois de arrombar a porta deparou-se com um quadro que no

seu relatório está descrito assim: Eram 4:12 da tarde de Sexta-feira, dezoito de fevereiro, fazia muito calor, estávamos na ronda do bairro, eu mais o Neto, quando o rádio da viatura informou um chamado na rua dezoito, estávamos perto e atendemos. Logo que aportamos na entrada do prédio dezenas de curiosos acercaram-se da viatura e de maneira desordenada tentavam explicar o ocorrido. Uma senhora desorientada e bastante excitada apontou-nos a prova número um: um membro masculino, aparentando uns vinte centímetros, em estado ereto, provavelmente decepado do corpo da vítima com instrumento cortante, que jazia ensanguentado sobre um cacho de bananas dentro de um carrinho de compras. A senhora que atende pela alcunha de Alzira, afirmou que a prova número um foi lançada pela janela do apartamento número 602 e veio pousar no seu carrinho quando passava pela portaria advinda do supermercado. O seu depoimento, completo está em anexo. Com essas informações, deixei o Neto contendo a multidão e protegendo a prova número um, e acompanhado da testemunha, dona Alzira, dirigi-me ao citado apartamento. Chegando ao local constatei que a porta estava trancada. Após diversas tentativas de chamado verbal e através da campainha, sem obter respostas, arrombei com os ombros a porta e adentrei na cena do crime. Com a testemunha gritando e chorando nas minhas costas, avistei uma cena deveras assustadora, até mesmo para um policial experiente como eu. Uma das vítimas, identificada como Marlene da Silva Bocaiúva, jazia de costas junto à janela aberta, com os braços estendidos na direção da mesma, suas pernas estavam quebradas, e na cabeça havia uma perfuração provocada por cacos de um vaso de porcelana que se espalhavam em volta do seu corpo. Sob o seu corpo jazia segunda vítima, identificada como seu marido o Sr. Armando Pinto Bocaiúva, que estava de bruços com a boca na altura da vagina da primeira vítima, e sobre ele uma estante de jacarandá maciço pesando aproximadamente 60 quilos. A segunda vítima tinha uma faca usada em churrasco cravada em sua nuca e constatou-se que a prova número um lhe pertencia. Havia diversas outras facas espalhadas pelo recinto, uma banquetta de madeira com duas das quatro pernas quebradas, e ambas as vítimas estavam nuas.

Era um caso intrigante, a testemunha não ajudava, a cena do crime era confusa, o inspetor Alvarenga precisava de sorte. E foi justamente a sorte e a perspicácia que o fizeram notar quando voltou a portaria, que no meio da multidão uma figura se destacava. O

inspetor Alvarenga não deixou de perceber um sujeito afetado que roía as unhas olhando em todas as direções. O inspetor ordenou que o Neto, lhe desse voz de prisão. Na delegacia o suspeito identificado como José Maria da Costa Filho, residente na rua dezoito, aparentando trejeitos homossexuais, depois de interrogado, deu seu depoimento elucidando o caso, que o escrivão registrou assim: Eu não tenho nada com isso, imagina. Na verdade, eu só estava olhando, não que eu olhe sempre, foi coincidência, imagina. Minha janela é de frente para a janela do bofe estripado. Mesmo que eu quisesse não poderia deixar de notar aquele homão de quase dois metros que teimava em desfilas sem roupas pelo apartamento. A mulherzinha dele também fazia isto, mas eu quase não reparava, imagina. O que aconteceu foi um acidente, ele estava sentado na terceira prateleira da estante, ela no banquinho a sua frente com aquilo tudo, você sabe onde, não é? De repente o banquinho quebrou, ela para não cair se segurou naquele adereço de deus grego, a estante balançou, a coleção de facas do bofe despencou de cima da estante, decepando – que desperdício – o estandarte ereto, a atabalhoada da mulherzinha dele caiu de cabeça no vaso chinês e na queda lançou o objeto de desejo pela janela, o deus grego – agora sem seus superpoderes – caiu sobre ela, uma das facas voou furando sua nuca, e a estante caiu sobre eles. Eu tenho tudo gravado em vídeo, se vocês quiserem podemos ir lá para casa, eu faço uns tiras gosto e a gente assiste a tudo com calma, tá bom?

Foi um caso complicado, mas o vídeo de Zé Maria ajudou bastante. O inspetor Alvarenga foi promovido, os pombinhos foram enterrados juntos e na confusão a prova número um desapareceu. Dona Alzira diz que, o agora delegado Alvarenga, presenteou Zé Maria como prova de agradecimento. Mas isso já é fofoca.

A Conquista

- Não adianta, eu já não sei mais o que fazer.
- Como assim Romeu??
- A Solange, ela é muito difícil!!!
- Que difícil, não existe mulher difícil. O que existe é mulher mal cantada!!!
- Cara eu tentei de tudo. O que aquela mulher precisa é de alguém que lhe dê um sacode, um sujeito grosso que chegue junto.
- E por que você não faz isso, dá uma prensa nela!?
- É que eu sou um sujeito sensível, mais do tipo romântico, entende?
- Peraí Romeu, você está tentando confessar sua incompetência ou simplesmente dizer que desistiu?
- Incompetência não, eu fiz de tudo, a mulher é que é *incantável*.
- Isso não existe. Mas diga lá o que você já fez?
- Tudo meu chapa, tudo. Eu já mandei flores, bombons, já fiz até serenata.
- Ela não gostou da serenata?
- A vizinha dela me disse que ela pensou que era um rádio fora da estação.
- Isso eu posso entender, porque você canta mal pra chuchu!
- Mas não fui eu que cantei, foi um amigo que é profissional, canta na noite a muito tempo.
- E ele cantou o que?
- Bom, o cara é um pouco estranho, mas é gente boa.
- Como estranho, Romeu? Afinal o que ele cantou?
- Não sei bem, porque eu não gosto muito do Sepultura, mas o meu amigo entende muito de música. Ele ganhou até o troféu grunhido do ano.
- Romeu, agora eu tenho certeza, você é incompetente!!
- Pô meu chapa, você que é esperto, me diz o que eu faço?
- Eu particularmente acho você um caso perdido, mas pela amizade vou te dar uma dica.
- Vamos lá parceiro que já estou desesperado!

- Poesia, Romeu. O truque é escrever e mandar poesias, elas não resistem.
- Você está me estranhando, isso não é coisa de boiola?
- Santa ignorância Romeu. Até Casanova usava poesia.
- Agora pirei. O que tem a ver o BNH com a poesia e a Solange???
- Santo Deus, é demais!!
- Como demais??
- Esquece Romeu. Me diz o que você acha da Lurdinha?
- Aquela que está sempre no baile funk? Ela é legal e tem um sorriso bacana.
- Se você acha que um sorriso sem dois laterais e um zagueiro é bonito, então faz um funk para a Lurdinha. No sábado canta o funk para ela e esquece a Solange que é melhor para você.
- Sabe que você tem razão. Quem tem um amigo como você e está prestes a namorar a Lurdinha, realmente não precisa se humilhar para a Solange. Valeu amigão!! Vou correndo fazer o funk para a Lurdinha...
- Vai Romeu, vai...

A Dúvida

- Estou, estou preocupado sim...
- Preocupado com que Gastão?
- Com a minha mulher, cara!!
- Qual é Gastão, só se preocupa com mulher quem não tem.
- Não brinca não, ela tá esquisita, vive perguntando coisas.
- Que coisas, o que ela te pergunta?
- Coisas que ninguém se preocupa em saber.
- Tá legal, e qual foi a última pergunta dela?
- Ontem não me deixou dormir. Eu tinha que responder para ela, porque quando se está no carro procurando um endereço na rua, a gente abaixa o volume do rádio?
- Curioso!!!
- Você está me gozando? Isso é sério.
- Não tô não. Eu fiquei curioso porque isso realmente acontece comigo.
- Acontece com todo mundo, mas daí a não dormir por causa disto, já é maluquice.
- Gastão, como diria Jack o Estripador, se você tem um problema muito grande, divida-o em partes. Quando foi que isso começou?
- Não sei, acho que veio junto com a menopausa.
- Gastão tua mulher tem trinta anos!!!
- Trinta e dois, mas e daí?
- Daí que ninguém entra na menopausa com essa idade.
- Mas a gente parou de...Você sabe...Por causa da menopausa...Quer dizer...Eu acho...
- Gastão meu chapa, o teu problema é maior que o da sua esposa.
- Ah é, então me responde, por que a gente está aqui falando da minha esposa e não está tomando um chope?
- Agora sim você tem razão, Garçommmmmmm....

Os Cinco Ases

- Eles querem me levar!!! Eles vieram me buscar, socorro!!!
- Acorda Amâncio, para de gritar e me deixa dormir. Essa droga de pesadelo de novo? Assim ninguém dorme nesta casa.
- Ah! Ah! Água, eu preciso de água...
- Que água que nada, do jeito que você está é capaz de se afogar num copo d'água.
- Tem dó Amélia, eles vieram me buscar e é esta noite.
- Amâncio, você está impressionado. Seus amigos morreram há três meses, foi um acidente, você não teve culpa nenhuma, nem estava no carro.
- Eu sei, eu sei, mas nós éramos um grupo de pôquer, jogávamos há dez anos todas as quintas-feiras, éramos os Cinco Ases...
- Então a culpa é minha, fui eu que acabei com o jogo aqui em casa porque não aguentava mais ficar trazendo cervejas e salgadinhos para cinco viciados até o dia clarear.
- Mas fui eu que pedi para mudar o local do jogo, eles saíram para procurar outro lugar e aconteceu o acidente.
- Você devia agradecer, porque se estivesse junto tinha embarcado também. Além do mais, para que eles iriam te querer? Dá muito bem para jogar pôquer em quatro.
- Amélia você não entende, somos os Cinco Ases.
- Cinco Ases é o escambau! Para de reclamar e me deixa dormir. Boa noite.

Amâncio levantou e passou toda madrugada na cozinha bebendo água e tentando entender o maldito pesadelo: seus amigos em volta da mesa de pôquer, Amilcar, Anselmo, Agenor e Argemiro, parados sem jogar, Quatro Ases, só faltava um. Era ele, eles precisavam dele, que desespero.

Amâncio dormiu na mesa da cozinha e foi acordado pela empregada, que gritando dizia que a patroa não acordava. Foi um dia terrível, o médico diagnosticou enfarte fatal, Amélia não sentiu nada, morreu como um passarinho.

Na noite após o enterro Amâncio sonhou um sonho bom. Em volta da mesa de pôquer os Quatro Ases, Amilcar, Anselmo,

Agenor e Argemiro, jogavam felizes como nunca, de quando em vez passava pela mesa trazendo cervejas e salgadinho, a aborrecida Amélia. De manhã, recordando o sonho, Amâncio entendeu: Dá para jogar pôquer em quatro, desde que ninguém precise levantar para buscar cervejas e salgadinhos. Os Cincos Ases estavam completos, não precisavam dele.

Veio com o Vento

Veio com o vento. Era só uma folha de papel, dessas que são arrancadas de cadernos com espirais e deixam aquelas pontas na lateral. Ele a pegou por vários motivos: primeiro por instinto, afinal aquela folha chegou planando rente ao seu nariz, era espantá-la como se espanta um inseto inconveniente ou pegá-la como se pega um pássaro, pela asa. Segundo, por sentir aquela vontade que já imaginava esquecida lá pelos seus tempos de menino na escola, aquela necessidade de arrancar os pedacinhos de papel da lateral da folha, um a um, lentamente, até que não se percebesse que um dia aquela folha de papel esteve presa a espiral de algum caderno. Terceiro, por curiosidade mesmo. Quem não tem vontade de saber o conteúdo de uma folha de papel que chega repentinamente com o vento?

Assim que pegou na folha a dobrou, tinha a intenção de esconder seu conteúdo, queria atíçar sua curiosidade e fazê-la aumentar, tinha tempo. Nunca ficou tanto tempo sentado em um banco de frente para o mar. Nunca pensou que o tempo corresse tão rápido em frente ao mar. Foi aquela folha de papel que o alertou para a passagem rápida do tempo, ou talvez fosse o vento transvertido de papel, escrevendo sua mensagem e avisando que o tempo estava correndo. Que importância isso teria se ele não pretendia voltar para casa ou voltar para ela.

Haviam brigado, não era a primeira vez, mas agora era sério. Pelo menos de manhã quando saiu batendo a porta achava que era muito sério, agora com o mar a sua frente, com o passar rápido do tempo, não tinha muita certeza. Queria voltar, sentia falta dela, já estava arrependido, mas precisava de um empurrão para vencer seu orgulho.

Foi então que distraidamente desdobrou a folha de papel e se encantou com seu conteúdo. Entre dois corações desenhados em desalinho estava escrito com uma letra feminina e adolescente, um singelo:

♥ “*Meu Amor*” ♥.

Foi o bastante. Ele não precisava de mais nada. Levantou-se, deixou a folha de papel – agora sem os pedacinhos picotados junto a

lateral – sobre o banco da praia e, sentindo o perdão e a alegria brotando de seu peito, caminhou até o florista e depois para casa.

Maria Alice

Maria Alice era uma menina comum, não muito diferente das meninas de sua idade. Tinha apenas uma particularidade. Às vezes, no meio de uma brincadeira ou rompendo um silêncio qualquer, ela soltava aquela frase: “Qualquer dia eu largo tudo e me mando para Shangrilá”.

Ninguém lembra exatamente quando foi que ela começou com aquilo ou de qualquer explicação para o motivo da afirmação. Nunca se perguntou ou se discutiu sobre aquela particularidade. Aquilo simplesmente acontecia a qualquer momento e, creio que não se perguntava ou até mesmo não era exigido dela uma explicação, por causa do brilho que nascia no seu olhar quando repetia a frase. Era algo hipnotizante. Era como se seus olhos abrissem uma porta para outra dimensão. Aquilo provocava em todos uma espécie de transe, e uma deliciosa sensação que durava breves segundos. Talvez apenas o tempo necessário para que ela dissesse lentamente a frase: “Qualquer dia eu largo tudo e me mando para Shangrilá”.

Com o tempo, todos se acostumaram com aquele seu jeito, até porque todos gostavam muito dela. Maria Alice era daquelas pessoas que cultivam as amizades, tinha muitos amigos e era muito próxima deles. Tão próxima que cresceu cercada por eles e sem grandes diferenças das outras pessoas. Maria Alice brincou de bonecas, namorou, estudou, casou-se, chorou, se formou, trabalhou, descasou, sorriu... Sempre transmitindo companheirismo, amizade, alegria e repetindo, vez por outra, aquela frase: “Qualquer dia eu largo tudo e me mando para Shangrilá”.

Um dia Maria Alice desapareceu. Aconteceu tão de repente que, penso eu, entristeceu boa parte do universo. Durante muito tempo se falou do seu desaparecimento; alguns choraram, outros se revoltaram, mas finalmente todos pareceram esquecer ou se conformar com a ausência dela.

Eu nunca mais fui feliz.

Muito tempo se passou e houve muitas mudanças na minha vida. Até que inesperadamente recebi pelos correios um postal sem remetente, com uma foto dela à frente de uma paisagem que lembra o paraíso. Na foto, Maria Alice sorri lindamente e tem aquele brilho no olhar que me provoca um delicioso transe. O postal traz também

escrito, abaixo da foto com uma letra alegre, a frase: “Porque você sempre acreditou”.

Hoje, toda vez que olho o já amarelado postal, sinto um exato segundo de felicidade e repito mentalmente: “Qualquer dia eu largo tudo e me mando para Shangrilá”.

Na Chuva

“Eu gosto muito de azul. Eu sei, tem gente que gosta de verde, eu também gosto de verde. Mas não tem nada mais bonito que azul. Céu azul, azul do mar, azul celeste, azul marinho... Realmente, eu gosto muito da cor azul”.

Há pessoas assim. Pessoas que têm o dom de nos mostrar coisas que estão e sempre estiveram em nós, mas nunca percebemos, nunca notamos.

Quando ela começou a falar eu já me sentia apaixonado pelo azul. Nunca me perguntei de que cor eu mais gostava, mas com certeza sempre foi o azul. Quis explicar o quanto o azul era importante para mim, quis declarar para ela e todo o mundo que eu tinha o azul como minha cor preferida. Mas consegui dizer apenas: “Eu também”.

Há pessoas assim. Pessoas com o incrível poder de nos deixar sem palavras, absortos numa áurea de magnetismo que emana das palavras dessas pessoas; como se os pensamentos delas fossem por alguns instantes, nossos próprios pensamentos.

“Viajar... Como eu adoro viajar. Sair por aí, sem rumo, sem destino... Como se em cada caminho houvesse um novo agora para ser construído, me esperando desde ontem, para que eu edificasse um novo amanhã...”

Há pessoas assim. Pessoas que nos confundem com palavras, que têm um raciocínio ímpar, incompreensível, porém atraente.

Ela falava e eu me sentia ignorante, mas feliz; como se houvesse tocado algo belo. Tocado não, sentido.

Quis dizer que também gosto muito de viajar, quis contar dos lugares que já conheci e dos lugares que desejo visitar, mas não consegui. Estava emudecido; completamente tomado pelo silêncio que sua voz me impunha.

Ela ainda disse mais alguma coisa, algo como: “A chuva passou, preciso ir...” E então se foi.

Ela foi embora junto com a chuva, levando uma parte de mim e dos meus sonhos. Não sei exatamente qual parte, mas sei que me fará falta, muita falta.

No Espelho

Ele parou diante do espelho sentindo uma sensação estranha; como se desconhecesse a imagem refletida. É claro que sabia ser ele mesmo, mas estava se achando mais velho, com mais rugas, um tanto quanto acabado. Não que isto o incomodasse; o que estava lhe causando estranheza era que fazia tanto tempo que não se olhava realmente, que não se conhecia. Não estava pensando nas manhãs em frente ao espelho fazendo barba ou se penteando, e sim nos momentos que num passado já distante dedicou a si mesmo. Tempo em que sorria para o espelho e percebia a vida com alegria.

Quando foi que tudo mudou? Em que instante e por que ele se transformou em outra pessoa? Por que havia se transformado num desconhecido para ele mesmo? Sabia não ter as respostas e não se importava. O que queria de verdade era ser apresentado aquele sujeito enrugado que insistia em não sorrir. Queria se conhecer. Não queria voltar ao passado, não queria retroceder até aquela pessoa alegre e feliz que foi um dia. O seu desejo maior era se reconhecer naquela figura que agora o olhava dentro dos olhos sem sorrir. Talvez estivesse olhando na direção errada, mas não conseguia deixar de olhar para o espelho.

Precisava se apresentar àquele sujeito, mas como fazer isso? Talvez se começasse dizendo um olá!? Não, não iria adiantar; um espelho reflete qualquer imagem, mas apenas imagens. Jamais aquele reflexo carrancudo responderia um olá.

Continuava distraído encarando o estranho no espelho e pensando como fazer para quebrar o gelo entre os dois, quando sua esposa, a companheira de tantos anos, entrou no banheiro. Aconteceu tudo muito rápido. Ela pegou algum objeto sobre a bancada abaixo do espelho, virou-se, e antes de sair estendeu os braços, o enlaçou e, apertando-se contra as costas dele ofertou um leve e carinhoso abraço. Depois, assim como entrou saiu sem dizer uma palavra.

Foi um gesto simples, desprezioso, mas que além de carinho continha um intenso significado. Funcionou como mágica. Num instante ele percebeu o quanto era alegre e feliz, o quanto sua vida ainda era maravilhosa, o quanto não havia mudado realmente.

Então ele sorriu e a imagem carrancuda no espelho sorriu também. E começaram a se (re)conhecer. E já gostavam um do outro.

Salomé

Acordou outra vez com aquele nome ressonando dentro da cabeça: *Salomé...*

No primeiro dia em que aquilo aconteceu, ele não deu muita importância porque apesar do nome ficar durante boa parte do dia balançando de um lado para o outro no seu cérebro, como se fosse uma bola de pinball que voluntariamente evita decretar o fim do jogo, ele conseguiu ignorar. Mas uma semana já era demais, a repetição era tamanha que praticamente o obrigava a se perguntar: de onde diacho veio aquele nome e por que ele se repetia em sua mente? *Salomé...*

Por volta das onze horas lembrou do sonho. Na verdade, não lembrou exatamente do sonho, lembrou que teve um sonho e que aquele nome que insistia em se repetir fazia parte dele, do sonho é claro. Não, nada está claro. *Salomé...* Junto com a lembrança – do sonho - veio a frase onde aquele nome se encaixava. Mas que frase? Que semana? Que sonho? Calma! Uma pergunta de cada vez! Afinal ele está com um nome rodopiando dentro da cabeça, essas coisas podem deixar um sujeito louco. Senão louco, no mínimo confuso.

“Quando ele perguntar, você diz que se chama Salomé”. A frase, esta era a frase. E a semana, era a maldita semana que começou na sexta-feira passada, quando pela primeira vez teve aquele sonho. Agora lembrava claramente do sonho. Também já era quinta-feira, tinha passado sete dias sonhando a mesmíssima coisa, já havia passado da hora de lembrar. Não foi um grande sonho, era até idiota, mas todos são assim, afinal são sonhos. Foi apenas um sonho em que um atendente no balcão do aeroporto perguntava seu nome; a seu lado na fila de embarque, dois anões vestindo ternos cor de rosa, gravatas azuis e gorros com pompons amarelo nas cabeças, repetiam em coro a droga da frase: *“Quando ele perguntar, você diz que se chama Salomé”*.

Foi uma semana infernal, tudo que fez deu errado; perdeu negócios, brigou com o sócio, com a namorada, e estava de novo com aquela velha e insistente dor no peito. Precisava ver um médico. Depois, agora tinha que embarcar.

Estava no aeroporto e atrasado. Correu até o embarque, mas quando foi entrar um homem com bigodes fora de moda vestindo um

terno verde musgo, levantou a mão espalmada em sua direção e perguntou com voz cavernosa: “*Qual o seu nome?*”. Era o sonho, estava acontecendo como no sonho. A dor no peito aumentou. Pensou em olhar para o lado, mas não teve coragem; temia ver os anões. O estranho homem, insistente repetiu: “*Qual o seu nome?*”.

Ele respondeu gritando: *SALOMÉ!* Não teve como evitar. O sonho, a frase, a repetição constante, a dupla de anões, a dor no peito; tudo o obrigou a repetir automaticamente aquele nome: *SALOMÉ!* Não queria dizer, não se chamava Salomé, não queria obedecer aos anões; mas de tanto reprimir, aquilo saiu como uma rolha de champanhe voando em direção ao seu interlocutor: *SALOMÉ!*

Ficou esperando uma reação espantada, mas o atendente simplesmente sorriu e virando-se para a direita onde havia um painel, procurou sem muita convicção um botão verde e o pressionou. Imediatamente um raio alaranjado surgiu do nada, voou em sua direção e o atingiu: *ZAP!*

Instantaneamente Salomé desapareceu.

Depoimento

- ...Assim, mais para a direita. Foi muito, volta... Assim está bom. Atenção...

- Olá, se você está me vendo é porque conseguiu acessar minha fita e deve estar ansioso para saber por que estou prestando este depoimento. Espero que a imagem e o som estejam sendo bem reproduzidos em seu aparelho. É que nós não somos muito bons para mexer nessas coisas, de qualquer forma esta é a primeira versão, eu ainda vou editar, mas é claro que nada disto vai aparecer depois de editado e você também nem vai saber... Droga, não é nada disto. Vamos de novo.

- Olá, este depoimento foi feito por um habitante do planeta Terra no ano de 2002. Caso você não saiba, um ano para nós terráqueos corresponde a uma órbita completa do nosso planeta em volta do Sol. Quando você estiver vendo este depoimento pode ser que a Terra e até mesmo o Sol não existam mais, isso é claro, vai dificultar um pouco seu entendimento da maneira como medimos o tempo, mas com certeza existirão outros planetas, outras órbitas e outros sóis. Se não existirem você não verá isto. Para que fique mais fácil seu entendimento, você precisa saber que nós terráqueos vivemos em média sessenta e cinco anos em cada vida. Isso não quer dizer que desde o ano zero eu já vivi em torno de trinta vidas. Existe uma teoria, chamada de reencarnação, que supõe que nós vivemos, morremos, e vivemos de novo, mas é apenas uma teoria e jamais foi provada. Quanto ao ano de 2002, não quer dizer que nosso planeta exista a apenas dois mil e dois anos; nós somos muito mais antigos que isso. Entenda bem, quando eu digo: nós, eu estou me referindo ao planeta, porque eu não tenho essa idade toda. Eu, pelo que me lembro, só vivi uma vida e nem terminei ainda... Continua confuso. Vamos outra vez.

- Olá, que bom que você conseguiu achar minha fita. Eu não posso imaginar quem é você e como encontrou esta mensagem; até porque ainda não sei onde vou deixá-la. Eu pensei em colocar a fita em uma nave espacial, dessas que vagueiam sem destino através do espaço sem fim, mas não consigo imaginar como farei isto. Pensei também em enterrar em algum lugar, mas ela poderia ser encontrada a semana que vem por causa de alguma obra, e isso seria muito

constrangedor. Talvez eu a coloque dentro de uma caixa, fecho bem e jogo no fundo do mar; mas tem tanta porcaria no fundo do mar que minha fita acabaria no lixão. De qualquer forma se você está vendo isso é porque achou a fita e isso é o que importa. Até porque eu vou editar essa fita e quando fizer isso já vou saber onde colocá-la. Acho que vou enterrar no quintal mesmo... Ainda está confuso. De novo.

- De novo uma vírgula. Eu já estou cansado de segurar essa porcaria de câmera. Se você quiser continuar com essa palhaçada, continua sozinho. Tchau...

○ Velho Armazém

(Para Marta e Humberto)

A emoção que sinto é a mesma de assistir um filme. Não um filme qualquer, mas aquele filme preferido que não nos cansamos de rever. Aquele filme que já assistimos milhões de vezes e, no entanto, cada vez é mais prazeroso; cada vez percebemos nele, novos detalhes e sensações. O enredo é simples: trata-se de um passeio até um armazém localizado na esquina da rua Joaquim Murtinho no Largo da Lapa. É claro que o armazém não mais existe - acredito até que armazéns não existam mais em qualquer outro lugar -, mas isto não tem importância. O cenário é o interior de um armazém com suas mercadorias expostas: peças de carne-seca penduradas; sacos enormes contendo arroz, feijão e batatas; latas em prateleiras; enfim, um armazém dos meus tempos de criança. Penso em muitas coisas espalhadas pelo estabelecimento, lembro bem delas e tento descrevê-las, mas me parece difícil explicar algo que já não existe. Teria importância? Acho que não. Até porque o melhor de um filme é a sensação que ele provoca, o cenário também não é tão importante. Da sensação me lembro perfeitamente e, embora saiba que sensações são difíceis de explicar, vou tentar. A sensação que aqueles momentos provocavam, e hoje me lembro como um delicioso filme, era a de ser guiado pelas ruas em direção ao velho armazém, sentia – e creio que sinto até hoje, bastando me concentrar – a mão de meu avô apertando a minha. Sentia o seu carinho para comigo, sentia o seu orgulho por me conduzir. A sensação, sem dúvida nenhuma, era de felicidade.

Acho que quando o meu avô partiu os armazéns se foram também. Sinto falta de armazéns, mas nada me deixou um vazio tão grande quanto à ausência do meu avô. Sinto falta da segurança daquela mão me conduzindo pelas ruas, sinto falta do seu sorriso, do seu cumprimento ao dono do armazém e, principalmente, de cada um dos nossos passeios. Mas tenho o filme de minha infância gravado na mente, tenho belas recordações e, de certa forma, tenho a sensação de que a felicidade pode estar num simples caminhar até um velho armazém no Largo da Lapa.

A Pergunta

- Com licença, eu posso te fazer uma pergunta?
- Como?
- Uma pergunta. Eu posso te fazer uma pergunta?
- Qual é cara? Tem dez minuto que cheguei nesta festa e você já está tentando me dar uma cantada. Vê se te manca. Até porque você além de não ser nem bonitinho, bate perto da minha cintura.
- Peraí, por que essa agressividade? Eu só queria te fazer uma pergunta.
- Agressiva eu? Tô quieta no meu canto, você vem aí de baixo me encher o saco, e eu é que sou agressiva. Me deixa em paz, baixinho abusado.
- Agora tá ofendendo, isso é recalque. Aposto que um cara menor do que eu, te deixou de quatro, por isso quer descontar em mim.
- Vem cá ô Playmobil. O que você sabe da minha vida, hem? Tá pensando que vou te dar mole? Para de me chatear ou vou te amarrotar todo.
- Devagar! Já me ofendeu, mas não precisa apertar minha garganta. Tá machucando, tá machucando...
- Você ainda não viu nada. Vou te largar, mas é bom você me deixar em paz ou vou te deixar irreconhecível. Seu toco de amarrar jegue.
- Tá legal, tá legal... A moça tá nervosa, não quer responder uma pergunta, uma perguntinha só. Tá legal, tá legal... A moça é violenta, luta karatê, provavelmente não gosta de homem...
- Vem cá meio quilo. O que é que você tá falando aí? Se você queria me aborrecer, conseguiu. Vou te partir ao meio.
- Sem violência, pode ir me largando. Segurança, segurança. Socorro!
- Peraí estrupício, não faz escândalo, já estou te largando. Para de gritar!
- Hum! É brigona, mas tem medo de escândalo. Aposto que não tem convite.

- Escuta aqui anão de jardim, vou fazer um trato com você. Você faz tua pergunta, eu respondo e você se manda. Tá legal?
- Hum! Ficou mansinha, quer até fazer acordo. Agora a coisa tá ficando do meu jeito. Tô começando a gostar da grandalhona.
- Escuta aqui, pedaço de pó de merda, seu tempo acabou. Ou você faz logo a pergunta e se manda ou vou pisar na sua cabeça, com ou sem escândalo.
- Tá bom, na paz, lá vai a pergunta: Se eu te convidasse pra jantar você aceitaria?
- Jantar!? Com você!? Como assim?
- Ora, jantar. Eu, você, um restaurante, boa comida, um bom vinho, uma conversa alegre e civilizada. A gente se conhece, troca sorrisos, você se encanta pelo de menor aqui etc., etc.
- Hum... Posso escolher o restaurante?
- Claro que sim. Você parece ter bom gosto.
- Então vamos nessa, a festa tá caída mesmo. Desculpa aí os trancos, eu me excedi e amassei sua camisa toda.
- Nada. Nem foi tanto assim. Vamos nessa...

A Espera Imaginária

Estive a te esperar até um instante atrás. Neste momento, que é o instante seguinte a todos os momentos em que estive te esperando, tenho a completa percepção de que jamais virás. Percebo, e sei que percebi instantaneamente, que esta espera é inútil, simplesmente porque tu não existes; nunca exististe. Ou talvez tenhas existido apenas no espaço de tempo em que fiquei a tua espera.

Sinto dor e medo, mas também sinto alívio por acreditar que a espera terminou; um alívio provocado pelo rancor nascido ao perceber o quanto precisei que tu viesses. Sinto também prazer. Um prazer quase mórbido por saber que te criei apenas para te esperar, e se não fosse o meu desejo de encerrar a espera tu ainda existirias. Eu te criei e te destruí.

Com um poder que certamente não conhecia, te extraí de um pensamento, depois te transformei em espera; quando cansei de te esperar voltaste à antiga e imprestável forma de um simples pensamento. Voltaste a inutilidade anterior à de um tempo perdido, tempo em que te esperei. Foste nada, e por desejo meu estiveste no limbo da espera oca, voltando após isto ao vazio daquele mesmo nada. Busquei-te naquele vazio acreditando numa proximidade que jamais aconteceu, porque tu não vieste.

Tu eras o ser mais lindo e perfeito que em algum momento existiu, um ser digno de uma longa espera, mas só enquanto te esperei, pois antes e depois tu sequer existias. Imaginei um passado repleto de momentos felizes, de intimidades, de instantes inesquecíveis. Criei um tempo em que nos lembraríamos de nós mesmos com uma saudade aliviada pelo reencontro. Mas tu não vieste, então afoguei um passado que nunca existiu entre as pedras do rio desta insana espera.

Hoje te obrigo a desaparecer no ar como um pensamento esquecido; como a fumaça de uma vela que apaguei para afastar a luz; como um adeus sem lágrimas nos olhos, sem abraço, sem aceno. Agora já não consigo ver-te, nem mesmo na curva de um horizonte imaginário, nem mesmo no centro do profano desejo que alimentei durante toda esta maldita espera. Não te vejo por que tu não existes. Mas te espero, por mais que não deseje, ainda te espero. Espero o

fantasma que tu representas. Espero a imensidão que tu és e o nada que tua ausência me impõe. Espero-te porque é impossível não preencher o enorme vazio que criei quando imaginei que tu virias.

Espero-te e me arrasto contrariado até o local de encontro. Ao chegar ouço o vento rindo de mim e de minha tola espera. Com muito esforço permaneço neste lugar imaginário, que acredito existir apenas dentro de mim, onde não há esquinas, nem ruas, nem caminhos. Aqui há apenas a perversa espera. Aqui ouço teus passos, mas não te vejo por que não existes, no entanto, dolorosamente acredito que tu virás. Então, neste lugar que é o eco do imenso abandono que me envolve, sento-me à sombra de um sonho e espero.

Acochado

Não tinha aquela sensação a uns vinte anos. Certamente era mais do que isso, talvez trinta ou quarenta anos. Isso mesmo, a última vez que se sentiu assim ainda era uma criança. Como poderia lembrar que um dia se sentiu acochado se na época não conhecia sequer esta palavra? A mente humana tem mistérios difíceis de explicar; principalmente quando se têm mais de quarenta anos e a cabeça dói sem parar.

Enquanto caminhava sem rumo, sentindo-se um nada, no meio da multidão, sua mente abstraiu. Fechou-se completamente, como se tivesse criado uma carapaça protegendo e isolando seus pensamentos. A sensação ruim diminuiu trazendo de volta a liberdade mental desejada. Era provisório, sabia que não duraria muito tempo, mas ao menos já conseguia pensar.

Lembrou-se de uma frase de Ambrose Bierce – quem diabos era Ambrose Bierce? - que dizia que um garoto precoce é aquele que aos quatro anos, foge de casa para se casar com a boneca da irmã.

Por que se lembrou disto? Não sabia quem era Ambrose Bierce, nem onde havia lido aquela frase. Que tipo de situação vive alguém para pensar e escrever uma frase desta? Jamais pensou em sair de casa antes dos trinta anos! Quando que iria querer se casar com a boneca de sua irmã? Não tinha nem irmã! Nunca pensou sequer em se casar; muito menos aos quatro anos. Claro, tudo isso tinha a ver com a precocidade. A última vez em que se sentiu acochado tinha apenas quatro anos.

Agora que estava com a mente encapsulada, com os pensamentos protegidos, lembrou-se claramente de quando aos quatro anos teve aquela sensação de estar sendo perseguido de perto, atormentado, afligido, enfim, acochado. Foi quando enfrentou seu primeiro dia na creche e descobriu pela pressão dos novos amigos, que os brinquedos não eram apenas seus, e sim de todos. Desde aquele dia prometeu que jamais sentiria aquilo de novo, mas depois de tantos anos aconteceu outra vez. Estava acochado.

O som de uma buzina destruiu a armadura mental que havia criado. Voltou a rua e ao mundo real. Quase foi atropelado. Saltou de volta para a calçada e decidiu enfrentar a situação. Havia enfrentado sem dificuldade o problema na creche com apenas quatro anos;

agora que era um homem feito, seria mais fácil. Nada nem ninguém tinham o direito de deixá-lo acossado.

Apertou o nó da gravata e acelerou o passo. Em menos de quinze minutos estava na cadeira do dentista, firme como uma rocha, pronto para retirar o maldito e inútil dente siso. Enquanto o líquido anestésico penetrava sua gengiva, um pensamento invadiu suavemente sua cabeça: Por que alguém fugiria de casa para se casar com a boneca da irmã?

Inseguranças

- E aí, foi bom pra você?
- Tá brincando? Não acredito que você me perguntou isso. Eu devo estar sonhando.
- Ué, o que tem demais?
- Como demais? Isso é ridículo.
- Ridículo? Eu não acho nada demais perguntar.
- E por quê?
- Ora, pra saber...
- Saber o que?
- Poxa, você faz perguntas demais.
- Eu? Eu não perguntei nem seu nome.
- Pois devia.
- Devia por quê?
- Caramba, a gente acabou de se beijar e você não quer nem saber meu nome?
- Pra que? Eu não estou escrevendo um diário. Além do mais, a gente só se beijou.
- Ninguém é tão insensível assim. Você está fingindo. Isso é fuga.
- Fuga? De que eu iria fugir?
- Sei lá. De um relacionamento ruim, de algum trauma...
- Se eu tivesse algum trauma iria procurar um analista e não uma companhia.
- Tá legal, você não tem nenhum problema, então me responda: E aí, foi bom pra você?
- Você não desiste.
- Se eu fosse de desistir a gente não estaria aqui.
- Por quê?
- Ora, porque desde que te vi não desisti de você.
- Qual é, você pirou? A gente se conhece faz apenas treze minutos. E fui eu que te pedi um beijo.
- Tudo bem, não é muito tempo, mas significou muito pra mim. E pra você também.
- Devagar aí. Como é que você sabe que significou algo pra mim?

- Se não significasse você não teria marcado nosso tempo com tamanha precisão.
- Foi sem pensar, eu nem me dei conta.
- Pode ser. Mas eu gostei por você ter cronometrado.
- Então, por que não fica feliz com isso e para de fazer perguntas.
- Eu não sei explicar, mas é importante pra mim. Você podia responder, não custa nada.
- Tá bom. Se for tão importante assim, não me custa falar: Foi legal.
- Legal? O que isso quer dizer?
- Que eu gostei. Que foi bom. Foi um beijo legal.
- Hum. Tá me parecendo que você não tem certeza.
- Pode ser. Por que a gente não se beija outra vez?
- Boa ideia. E quanto ao seu nome?
- Uma coisa de cada vez, uma coisa de cada vez...

A Moça da Casa Sete

Sempre que ela caminhava rua abaixo despertava em todos um sentimento de pena. Eles tinham a impressão de que ela carregava uma cruz sobre os ombros, como um pagador de promessas, tal era a envergadura de suas costas. Sua aparência além de frágil era de alguém extremamente abalada, alguém que trazia no peito uma dor intensa. Era muito magra; não aquela magra elegante, mas de uma magreza esquelética, aparentando doença. Os olhos, de um castanho opaco, não emitiam um único sinal de luz. Pelo contrário, as órbitas pareciam um dia cinzento, envoltas em profundas olheiras, como se há séculos não tivesse uma noite completa de sono. Suas roupas não eram velhas nem malcuidadas, no entanto, tinham um caimento tão ruim, talvez por causa de suas formas esqueléticas, que davam a impressão de serem emprestadas de alguém muito mais velho que ela. As cores também não ajudavam, embora sempre usasse vestidos com o comprimento na altura dos joelhos, eram de cores escuras, pretos ou azuis marinhos, contrastando com sua pele extremamente pálida e dando a impressão que ao invés de vestida, estava sendo apertada por um pedaço de pano velho. Os cabelos, curtos e negros, tinham um corte desalinhado e irregular, e já apresentavam fios precocemente brancos. Tinha também a característica de não responder aos cumprimentos da vizinhança, andando sempre de cabeça baixa, evitando olhar as pessoas.

Ela era metódica, não se atrasava nunca. Todas as tardes, por volta das quinze horas, ela surgia como mágica na varanda da casa sete. Calculadamente, como se abrisse um cofre, retirava o cadeado do portão, saía a rua e em um passo que lembrava uma marcha militar, descia a ladeira em direção a padaria. Chegando lá, aguardava pacientemente sua vez de ser atendida e invariavelmente fazia o mesmo pedido: um maço de cigarros e uma bisnaga. Pagava em dinheiro e de posse das mercadorias, e algumas vezes do troco, dava meia volta, subia a ladeira até a casa sete, abria o portão, entrava, meticulosamente passava o cadeado e desaparecia na varanda como fumaça.

Ninguém sabia o nome dela. Todos se referiam a ela como a moça da casa sete. Houve alguém, acho que o seu Antônio da padaria, que tentou convencer a todos que ela se chamava Clara. Falou isso algumas vezes, chegou até a contar uma estória de ter ouvido falar pelos lados da rua de Baixo, de uma suposta vizinha de quando ele havia morado no número quinze ainda nos tempos de solteiro, mas ninguém acreditou, principalmente porque não combinava nada com ela. Pessoas que combinam com seus nomes são raras, apesar disto, todos que diariamente a viam subir e descer a ladeira, jamais acreditariam que ela se chamava Clara. Então a estória do seu Antônio foi esquecida antes mesmo que alguém contestasse sua veracidade, e ela continuou sendo a moça da casa sete.

Contavam também, não sei se dona Nenê da farmácia ou dona Rosinha da casa cinco, vizinha a dela, uma estória de que ela vivia assim abatida e solitária, por ter enviuvado muito cedo, por volta dos seus vinte e poucos anos, ainda em lua de mel. O marido, um militar da aeronáutica, tenente aviador recém-formado, havia falecido na queda de um avião de treinamento. Com o seguro ela comprou a casa sete e mudou-se da vila militar, iniciando uma vida de pensionista reclusa. Quando foi isto? Ninguém sabe ao certo. Ninguém sabe sequer se a estória é verdadeira. O que acontece é que as pessoas precisam de explicações, ninguém consegue viver muito tempo sem resposta para um mistério. Pessoas como a dona Nenê e a dona Rosinha, existem para isso: dar explicações plausíveis para situações incomuns.

Havia ainda a necessidade de outras respostas. De que ela se alimentava? Certamente não era apenas de pão e cigarros. Alguns afirmavam que a viam descer a ladeira à noite, por volta das vinte e uma horas, e ir até o mercadinho do largo das Horas, aquele que fecha pra lá de meia noite, voltando rapidamente com pequenas compras. Diziam até, principalmente seu Zézinho Bicheiro, que chegaram a lhe oferecer ajuda com as sacolas; coisa que ela, sem dizer palavra, usando apenas seu tenebroso olhar, recusava. Acreditando ou não, todos aceitavam aquelas estórias porque precisavam satisfazer pequenas explicações lógicas. Dona Cleolinda, esposa de seu Gilberto do açougue, chegou a dizer que quando não estava assistindo novelas na televisão, espiava de sua janela na casa três e via a moça atarefada com sacolas, abrindo, retirando e

colocando o cadeado no portão. No entanto, se indagada por detalhes, desconversava dizendo que suas vistas já não eram as mesmas de cinquenta anos atrás e a luz da rua também não ajudava muito.

Ninguém sabia ao certo quando ela começou a descer e subir a ladeira. Dona Eufrásia, da casa dois, jura não prestar atenção nestas coisas, mas poderia dizer que antes dela quem morou na casa sete foi a falecida dona Ambrosina, mais o também falecido, seu Bernardino. Os dois construíram a casa sete e só saíram dali para o cemitério. Ela só não consegue lembrar quando foi isto, afinal, do alto dos seus oitenta e sete anos, essas coisas de datas, de tempos, de nomes e tudo o mais, ficou meio complicado para ela. Enfim, eram mais algumas explicações para acalmar a curiosidade do que um depoimento cercado de evidências ou fatos. Talvez tudo fosse inventado, talvez não. Mas quem se importava? Precisavam de respostas, e as tinham. É vida que segue.

Um dia, e isto já faz algum tempo, a moça da casa sete não mais apareceu na varanda, no portão, ou mesmo na padaria. Dona Nenê não esperou passar nem vinte e quatro horas. Pagou uns trocados para um moleque pular o muro da casa sete e informar o que viu pela janela da varanda. Janjão, o moleque magricela e bastante ágil, que ajudava seu Pepe na banca de jornal, disse, para espanto de todos que o rodearam ainda na calçada, que não havia nada lá dentro. A casa estava vazia como um copo cheio de ar.

Uma semana depois um caminhão de mudanças estacionou no portão e despejou a mudança de dona Clotilde e seu marido Agenor, um casal simpático e falante, que logo fez amizade com todos da rua.

Souberam por eles que o dono do imóvel era um tal de Firmino, que vinha a ser neto da falecida dona Ambrosina, e do também falecido, seu Bernardino, confirmando parte da estória contada por dona Eufrásia. Ele morava no bairro da Ponte Baixa, do outro lado da via ferroviária, e desde que herdou a propriedade há muitos anos, que a usava de aluguel para terceiros. Seu Agenor era primo irmão do cunhado do tal Firmino e por isso conseguira a casa por um aluguel bastante camarada. Não revelava valores por achar que essas coisas de dinheiro, se muito falada acaba estragando amizades. Para espanto de todos, seu Agenor contou que o negócio

do aluguel foi acertado de modo camarada, porque além do parentesco e da relação de amizade, a casa estava vazia há tempos e precisava de reparos.

Depois daquele dia ninguém voltou a falar ou comentar sobre a moça da casa sete. Não houve assim um combinado, porém nunca disseram nada, principalmente para seu Agenor e dona Clotilde.

Muitos anos se passaram. Há pouco tempo seu Agenor, já muito velho e cansado, faleceu. Quando ele se foi, imediatamente dona Clotilde começou a falar sozinha, demonstrando esclerose. Daquela época não há mais nenhum morador na rua, com exceção do seu Genáro, o italiano que era dono do armarinho da esquina e sempre morou na casa seis. Ele está com oitenta e sete ou oitenta e oito anos. Diz que não tem certeza de mais nada nem mesmo da idade. Porém, afirma com muita convicção, para quem quiser ouvir, que semana passada, dois dias depois que levaram dona Clotilde para o asilo e retiraram sua mudança, por volta das quinze horas, uma moça muito magra, usando um vestido preto, aparentando estar doente, saiu da casa sete depois de retirar meticulosamente o cadeado do portão, desceu a velha ladeira até a padaria, e voltou de lá com um maço de cigarros na mão e uma bisnaga embaixo do braço.

Os netos do seu Genáro, que moram num sobrado na esquina da rua de Baixo, estão procurando um asilo para interná-lo. Eles acham que lá, no asilo, ele terá a assistência e os cuidados que um senhor na sua idade necessita.

O Sonho

- Um pato? Você está falando sério?
- Claro que estou.
- Então repete porque não entendi nada.
- Tá legal, mas presta atenção. Era uma carroça conduzida por um caipira; dentro havia três mulheres vestindo minúsculos biquínis, eu vestido de smoking, e um pato.
- Você está de sacanagem! Um pato!
- Caramba! Você só se preocupa com o pato! As mulheres estavam de biquíni e eu estava de smoking! Faz sentido?
- Tá legal, não faz. Vamos aos detalhes. As mulheres eram famosas?
- Eu sei lá! Eu não conheço nenhuma delas, a gente só se encontrou no sonho.
- Desconhecidas! Isso é estranho. Tem certeza de que não havia nenhuma Sheila Carvalho, Sheila Mello, Bruna Lombardi?
- Você acha que se as Sheilas estivessem no meu sonho eu ia ficar preocupado? E a Bruna Lombardi? Eu estava era sonhando até agora.
- Quer dizer que as três mulheres eram barangas?
- Que baranga, e eu sonho com baranga? Tudo gata, gastíssimas, só não eram famosas.
- Tudo bem, pula essa parte. E o caipira? Tinha algo diferente?
- Hum, deixa ver... Normal, com aquele jeito rude, roupas remendadas, um chapéu de palha, normal.
- Nada diferente?
- Nada... Espera aí. Tinha um detalhe, ele não olhava para trás. Durante todo o sonho não se virou uma única vez.

- Motorista discreto. Isso é bom.
- Então, decifrou o sonho?

- Vamos com calma. Eu sou advogado e não adivinho. Estou tentando quebrar o seu galho. Embora eu tenha uma certa sensibilidade, já tomei três chopes.
- Você não está ajudando nada.
- Tudo bem, vamos em frente. E as mulheres, você pegou alguma?
- Nada, a gente só passeava de carroça admirando a paisagem. Era um lindo entardecer no campo.
- Hum! Matei a charada, mas você não vai gostar nada disto.
- Pode mandar que eu encaro, mas fala sério.
- É o seguinte: Você vai morrer.
- Para de me assustar. Como é que você chegou a essa conclusão?

- Simples, o caipira é a morte te conduzindo para o além. Ele não se vira para que você não descubra quem ele é e pule da carroça. As gatas são para te distrair. O caminho é longo e você não teria saco de ficar vendo paisagem ao entardecer se não tivesse mulher de biquíni. O smoking é para criar a expectativa de uma festa, pura distração também.
- Muito engraçado. Mas e o pato?
- Esse está me intrigando desde o início. Mas não vamos desistir, se eu tomar mais três chopes esse pato não me escapa nem morto. Garçommmmm...

James Dean

“...Existe um nível, acima do qual tudo é sólido e importante. Tentarei chegar lá e encontrar um lugar perto da perfeição, um lugar onde todo esse mundo confuso deveria estar, se tivesse tempo para aprender”.

James Dean

Ele ficava parado junto ao ponto de ônibus, semi encoberto pelas sombras da noite, com as mãos colocadas displicentemente nos bolsos. A perna direita dobrada apoiava seu corpo magro no muro. Vestia-se com a simplicidade dos anos cinquenta; camiseta branca arrumada para dentro das calças jeans, tênis branco com listras azuis e vermelhas, meias de lã brancas com barras de listras duplas e azuis. Para se proteger do frio usava um casaco de couro, preto com zíperes prateados. Sua cabeça permanecia baixa e apoiada no queixo; só a levantava para expelir a fumaça do cigarro, que fumava sem parar e mantinha preso no canto da boca.

Dona Marlene, que morava no terceiro andar de frente para a rua, notou a presença dele por volta da meia noite de uma sexta feira qualquer. Ela lembra que a figura lhe chamou a atenção por lhe parecer familiar. Sabia que o conhecia, mas não atinava de onde. Naquela mesma noite, por volta das duas da madrugada, incomodada e assustada, ela ligou para a polícia pedindo para averiguar o sujeito no ponto de ônibus em atitude suspeita. Às cinco horas quando a patrulhinha chegou, com o atraso peculiar e trazendo dois sonolentos policiais, encontrou no ponto apenas seu Agenor; um negro alto, aposentado, que fazia bico de homem-sanduíche no outro lado da cidade. Seu Agenor costumava pegar o ônibus sete quatro dois, Vila Sossego-Centro, que o recolhia às cinco e quinze, quando não se atrasava.

Quando os policiais desceram da viatura já traziam as armas nas mãos; talvez porque iriam abordar um negro, talvez porque estivessem cansados da longa noite de trabalho, talvez porque a violência na cidade está sem controle; quem pode saber? O fato é

que eles se assustaram com o volume embaixo do casaco de seu Agenor, que por sua vez assustou-se com a abordagem ostensiva deles, e então uma sucessão de erros aconteceu. Seu Agenor levantou-se do banco rápido demais, o policial, mais baixo e negro, gritou pedindo para que ele levantasse as mãos; seu Agenor levantou apenas a mão esquerda, a mão direita colocou dentro do casaco tentando segurar algo; o outro policial, mais alto e branco, disparou a arma acertando a perna de seu Agenor que caiu tentando se apoiar com a mão esquerda, enquanto a mão direita saía de dentro do casaco lançando a marmitta no meio fio. O macarrão com salsicha e arroz se misturou na calçada com o sangue de seu Agenor que gritava alucinadamente.

A rua inteira acordou com o barulho e a confusão. Dona Marlene, que dormia a sono solto, acordou sobressaltada e correu até a janela para se dar conta que parte daquilo era responsabilidade sua.

Dona Marlene jamais o viu chegar ou sair. Quando ela apontava na janela, sempre depois da meia noite, ele já estava junto ao muro do ponto de ônibus. Bastava ela se afastar da janela um instante, que ao voltar ele havia desaparecido. Em resumo: haviam passado cinco meses e ela nunca o viu chegar nem sair. Ele apenas estava lá, com as mãos nos bolsos e fumando seu cigarro, ou não estava.

Dona Marlene nunca mais chamou a polícia. Primeiro por medo de uma nova confusão; segundo porque depois de tanto tempo a figura não criou nenhum problema, apenas ficava lá no ponto de ônibus fumando seu cigarro; e terceiro, porque uma voz doce e musical, numa noite chuvosa, sussurrou em seu ouvido que aquele era James Dean, e que ele estava apenas esperando uma carona para o centro, no carro de Elvis.

A propósito; seu Agenor se recuperou e continua todos os dias esperando o ônibus sete quatro dois, por volta das cinco da manhã. Ele nunca mais carregou marmitta; diz que enjoou da comida da patroa.

O Velho

*“...Flor de indolência, fina e melindrosa,
Cativante sereia da esperança,
Cedo tiveste a crença dolorosa
De quanto a vida é velha e como cansa...”*

(Envelhecer - Cruz e Sousa)

Não é que não gostasse da vida, gostava sim e muito. O que estava acontecendo é que tudo parecia estar se repetindo. Era como assistir ao mesmo filme de novo, de novo e de novo. O mundo a sua volta estava ficando chato e cansativo. A vida era arrastada em todos os sentidos. Emocionalmente sentia-se desinteressado, e fisicamente então era terrível; cada vez que executava um movimento sentia todos os velhos músculos do corpo; isso quase sempre provocava o adiamento da ação, causava a busca da preguiça, da sombra do quintal, da cadeira de balanço, do cochilo.

Não fazia muitas coisas, afinal estava velho e velho não tem mesmo que fazer coisa alguma, só precisa esperar, esperar e esperar. Isso não o incomodava, gostava de ser velho; achava até que merecia a velhice. Durante sua longa existência conheceu muitas pessoas que ficaram pelo caminho, cada uma delas tinha uma certa impaciência que as faziam impróprias para a velhice. Acreditava que ser velho não é para qualquer um; é preciso uma dose enorme de paciência; tem que estar preparado para o nada, para o vazio do dia seguinte que provavelmente não virá, e se vier será mais um dia para esperar o improvável próximo dia. Achava que ser velho é caminhar de mãos dadas com a morte e fazer dela sua amiga e companheira, dia após dia, noite após noite; buscar nessa convivência uma intimidade tal que possa sorrir e acreditar na possibilidade de negociar a data da partida para depois do jantar, depois do amanhã, depois de qualquer momento que ainda estaria por vir. Repetia para si mesmo, que ser velho é acreditar que a vida está nas mãos de Deus e jamais pensar que Deus pode não existir, porque isso complicaria

tudo, mudaria o sentido de uma vida inteira e um velho não tem tempo para mudanças, apesar de ter todo tempo do mundo.

Ultimamente vinha tendo esses pensamentos descontraídos, vinha sentindo uma necessidade de afeto. Agora mesmo, de sua cadeira na varanda, enquanto ruminava a tarde, observou o cãozinho que corria pelo quintal entre a grama mal aparada perseguindo uma borboleta e se imaginou com ele, participando da brincadeira. Neste instante, vendo a felicidade do cãozinho, os pensamentos fugiram como um ladrão assustado e uma vontade imperiosa se apoderou do velho. Precisava, e isto era muito importante, afagar o alegre cãozinho. Sabia não poder ir ao encontro dele, então começou a estalar os dedos e a assoviar para atraí-lo. O esforço ao invés de cansaço lhe provocou uma alegria que a muito pensava esquecida. No exato momento em que o cãozinho notou o velho e seu chamado, algo estranho aconteceu e o velho sentiu uma fisgada no peito. O velho não teve tempo de pensar nada em especial, apenas tombou a cabeça no ombro esquerdo e fechou os olhos. Depois abraçou a velha companheira e partiu.

O cãozinho estancou junto à escada que subia para a varanda, olhou o velho tentando entender por que ele parou de estalar os dedos; balançou as orelhas interrogativamente, subiu os degraus, aproximou-se das pernas dele, deitou-se aos seus pés e cochilou resignado.

Felicidade

*“Segue o teu destino,
rega as tuas plantas, ama as tuas rosas.
O resto é a sombra de árvores alheias.”*

(Ricardo Reis - Heterônimo de Fernando Pessoa)

“Implicância, a vida tem é implicância comigo”. Repetia essa frase toda vez que era indagada sobre o porquê de reclamar tanto da vida. Tinha tudo, sempre teve desde menina, mas queria mais, queria o dos outros mesmo que o dela fosse melhor. Era algo compulsivo, difícil de evitar. Na verdade, ela já nem tentava evitar; aquilo acontecia há tanto tempo que se acostumou a desejar o alheio; não dizia para ninguém, mas até gostava de ser assim. Considerava o anseio exagerado como um desafio, assim seguia em frente buscando ter sempre o que queria e reclamando da vida, por estar sempre faltando algo que ainda não tinha. Nunca estava satisfeita e, enquanto seu desejo imediato não era alcançado, repetia a velha frase: “Implicância, a vida tem é implicância comigo”.

Um dia, desses dias em que chove sem parar e a gente acha que nada está acontecendo no mundo a não ser o cair de água e mais água, ela olhando distraidamente pela janela viu um casal rindo e brincando na calçada. Ela ficou paralisada observando os dois molhados a dançar na chuva e notou que a alegria deles era muito grande, a ponto de ser incompreensível. O casal tinha aparentemente a mesma idade dela. Os dois além de se parecerem entre si, também pareciam muito com ela no jeito de vestir, no corte de cabelo e até mesmo no balançar do corpo. Ela chegou a pensar que eles eram irmãos, mas no meio daquela alegria eles se abraçaram e trocaram um longo beijo, daquele que só os casais apaixonados trocam. Depois, de mãos dadas, desceram a rua bailando tão alegremente que parecia que a chuva também dançava com eles. Antes que eles desaparecessem na esquina ela já sabia que desejava aquele sentimento fervorosamente. Precisava desesperadamente daquela felicidade.

Os próximos anos seriam muito difíceis para ela. Sem saber que a felicidade é única ela perdeu tudo o que tinha, inclusive a sua própria felicidade, tentando ter a felicidade daquele casal. Tornou-se uma pessoa triste, amargurada e completamente infeliz. No entanto, nunca se cansou de buscar uma maneira de satisfazer aquela ambição, tentativa esta que a cada dia trazia uma frustração maior.

Depois de um tempo, ela foi vista embarcando em um ônibus na rodoviária da cidade e falando para si mesmo quase em um murmúrio: “Implicância, a vida tem é implicância comigo”. Ninguém sabe para onde ela foi, sabe-se apenas que foi embora. Uns dizem que ela compreendeu a tolice de seus anseios, desistiu de tudo e envergonhada resolveu desaparecer. Outros dizem, que muito pelo contrário, ela jamais desistiu, apenas descobriu que o que queria não estava ali e decidiu procurar a felicidade pelos quatro cantos do mundo.

Talvez um dia ela volte com um sorriso no rosto e a tal felicidade embaixo do braço, talvez não. Talvez ela tenha razão e a vida seja realmente implicante com ela. Quem pode saber?

Código de Acesso

*Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*
(Tabacaria – Fernando Pessoa)

Há algum tempo ele tem a sensação de que passa pela vida sem ser notado. Há dias que se sente como o poeta na janela do prédio, em frente à tabacaria. Como ele, o poeta está só e de sua janela vê o mundo passando. O poeta sabe que enquanto escreve e fuma, a vida passa lá fora; no entanto, durante toda sua existência jamais soube que um dia o seu cigarro seria maldito e seus versos tão queridos.

Ele não pensa em fumar, mas como o poeta, deseja prever com exatidão os próximos dez minutos. No entanto, por ser também humano ou por não ser poeta (ou ambos), o que ele sabe? Que nada sabe, que nada é e que enquanto pensa nisto já se passaram dez minutos. Não é muito para alguém que almeja ser sábio, mas é um começo; o começo dos próximos dez minutos. Porém, novamente como o poeta, ele está cansando de começos e recomeços. Então se desespera e deseja ardorosamente o fim daqueles malditos dez minutos; o fim de todos os minutos ou pelo menos o fim do relógio que nunca para de marcar os intermináveis dez minutos.

Para alguém que o vê de forma metafísica e superficial, como o Esteves um dia viu o poeta, ele pode parecer confuso. Acontece que em seus sonhos mais simples, ele se imagina saindo de casa pela manhã com todas as certezas embaixo do braço. Depois se vê subindo em um palco no centro de uma praça, a maior praça de todos os mundos, distribuindo a uma multidão ensandecida, soluções e prazeres. “Mestre, mestre, tenho fome de viver”. “Toma esta pílula de sonhos, alimente-se de mentiras; viva e, por favor, nunca me chame de mestre, pois não conheço meu próprio caminho, logo, jamais poderei guiá-lo”. Mas apesar dos sonhos, ele segue caminhando todos os dias e só o que carrega são dúvidas e mais dúvidas nada metafísicas, e isto ninguém vê.

Ele sabe o que carrega em excesso: uma vontade de imaginar-se Deus, uma convicção de que deve tornar-se o centro de tudo. Mas não é o exagero que existe nele que aumenta a sua já enorme ansiedade, é o que falta. A falta de algo que não consegue definir. Talvez um defeito de fabricação ou uma falha adquirida durante o processo de viver. Talvez a falta de um código de acesso que o permita ingressar num mundo onde os sonhos se realizem. Não um mundo perfeito e sim um mundo razoavelmente previsível. Muitas vezes ele imagina que inserindo na mente algo como: 187MSVD#55, possa se atirar do alto do prédio e planar suavemente até a calçada da tabacaria no outro lado da rua. Quem sabe o mesmo código lhe dê acesso a uma dimensão onde a consciência é clara, onde a existência é uma completa falta de desejos e aspirações, onde não há tabacarias nem fumaça de cigarros. Ou talvez o mesmo código elimine o tempo que o separa diariamente do amor de sua vida e, como em um sonho bom, o leve de volta para casa; onde não precisará de certezas, tão pouco de tabacarias.

Hoje ele acredita que controlando sua ansiedade, descobrirá que o verdadeiro código de acesso; aquele que o transformará em Deus; aquele que o fará abandonar a janela, encarar o mundo real e caminhar até a tabacaria; aquele que eliminará todas as inseguranças e dúvidas; traduz-se apenas num simples: eu te amo. Desses que vem do fundo do coração, saem num sussurro e antecedem um beijo na boca.

Perfume de Mulher

Desceu a rua correndo como um doido pois precisava chegar ao banco o mais rápido possível; faltavam dois minutos para o fim do horário de atendimento e ele sabia que o guarda lhe lançaria aquele sorriso irônico por trás do vidro blindado, depois, com o indicador oscilando lhe negaria a entrada. Já havia acontecido antes e ele tinha gravado na mente o prazer que o maldito guarda experimentava cada vez que impedia alguém de entrar. Percebia nos olhos do sádico, o quase orgasmo que ele sentia quando pelo vidro via o desespero do idiota que perdia a entrada por um segundo, era muito deprimente.

Quando chegou na última esquina da rua onde havia a agência bancária estancou repentinamente. O que aconteceu a seguir nunca foi uma coisa simples de explicar. Mesmo tempos mais tarde ele ainda não teria encontrado uma maneira de descrever o sentimento que invadiu sua alma. Como explicar um cheiro de amor? Pois foi isto que aconteceu. Ele sentiu um perfume de mulher e se apaixonou instantaneamente. Impossível? Exagero? Nada disto. Aconteceu exatamente assim: num instante sua única preocupação era chegar ao banco a tempo de não ser humilhado e impedido de entrar; no instante seguinte ele estava parado na calçada com o coração suspenso no ar, a respiração praticamente interrompida e, tinha como único objetivo, descobrir de onde vinha aquele cheiro que o enfeitiçava.

Jamais poderia explicar aquela mudança repentina de comportamento. No entanto, sem muito pensar e agindo como um perdigueiro, dobrou a esquina mudando de caminho, (naquela altura já nem lembrava do banco ou do desumano guarda), e seguindo seu coração (ou seria apenas seu olfato?) buscou avidamente encontrar a dona daquele perfume inebriante. Andando como se não existisse um mundo a sua volta chegou rapidamente à rua de cima e, quando viu na calçada oposta uma morena com o nariz levantado como se tentasse distinguir um cheiro, soube que havia encontrado o amor da sua vida.

Incrível? Absurdo? Pode parecer para alguém que nunca soube amar. Para apaixonados basta sentir uma fragrância especial invadindo as narinas, um gesto, um simples olhar e pronto: almas gêmeas reunidas, entrelaçadas e ansiosas para viver um grande amor por uma vida inteira, ou pelo menos até que aquele cheiro adocicado que exala do corpo da mulher amada desapareça ou seja substituído por outros aromas.

Antes que eu me esqueça; aquela conta ele pagou com muita uma semana depois, quando voltou do melhor sonho que jamais havia sonhado.

Acordou assustado batendo os braços e espalhando as cobertas pela cama. A sequência de gestos foi tão repentina que o cobertor voou longe indo parar no chão, enquanto o lençol parecendo ganhar vida, enroscava nas suas pernas. Odiava a sensação de estar preso e, por uns breves segundos, desesperou-se puxando o lençol e balançando as pernas alucinadamente, até que num movimento brusco conseguiu desembaraçar-se. A sensação de liberdade quase fez com que esquecesse porque suas pernas ficaram presas. Havia ouvido um barulho estranho e por isso acordou espantado embaralhando as cobertas. Levantou-se ainda sonolento e percebeu que estava suado, embora fizesse frio, depois caminhou até a janela do quarto. Mais tarde se perguntaria por que não foi para a cozinha, para a sala ou para o banheiro; talvez porque soubesse inconscientemente o que estava acontecendo. Ao chegar à janela e abrir as cortinas deparou-se com a cena mais estranha que havia visto na vida. Do lado de fora – ele estava no décimo andar – havia um ser com asas brancas que batiam pausadamente, fazendo com que planasse suavemente na altura da janela.

Um anjo, não poderia explicar a cena com exatidão, mas sabia que era um anjo. Na verdade, era uma “*anja*”. Ele sabia que a palavra não existia, mas não conseguia pensar em outra. O belo ser tinha um rosto feminino e angelical (claro!), belos seios e sedutores quadris ajustados dentro de uma roupa azul de couro colante; os longos cabelos negros emolduravam lindos olhos castanhos. Havia uma luminosidade a sua volta, uma claridade celestial (claro!) que parecia emanar dela e expandir-se num manto particular de luz. O ser divino (claro!) estendeu a mão direita e moveu os lábios mostrando o universo num sorriso. No futuro, nunca lhe pergunte como nem porque, mas naquele momento ele sabia exatamente o que fazer.

Enquanto sentia uma maravilhosa e desconhecida felicidade invadir sua alma ele abriu lentamente a janela, estendeu a mão na direção dela e quando a tocou já estava do lado de fora, planando junto àquele corpo sensual e atraente. Ela o abraçou como se fossem

dançar; então no exato momento em que sentiu aquele corpo unido ao seu, aconteceu o total desaparecimento das coisas.

O que desapareceu? Tudo, precisamente tudo. A cidade, a vida, a ansiedade, a noite, o dia, o mar, os amores, os desejos, o passado, o futuro, as montanhas, o sol, o ar, as flores, a chuva, a morte, o adeus, a esperança, o amor, o ódio, os rios, os pássaros, as estrelas, a solidão, o abandono, os encontros, os filhos, os pais, os deuses, os medos, os ventos... E por maior que fosse o vazio que o envolvia, ele tinha uma imensidão junto a si. Ele estava completo. Em seguida, como se fosse a atitude mais provável e comum para aquele momento, ela aproximou seus lábios dos dele e o beijou, suave e demoradamente.

Buscando prolongar eternamente aquela sensação única que invadiu sua existência ele fechou os olhos; depois acordou para o dia mais feliz de sua vida.

Depois

- Clarinha me dá um beijo?

- *...passa, passa, galinha arrepiada – depois – deixa eu passar...*

- Clarinha me dá um beijo, agora?

- *...se não for o da frente – depois – o de trás tem que ficar...*

Clara foi sua primeira e verdadeira grande paixão. Conheceram-se quando crianças, eles eram vizinhos e viviam a brincar. Quando tinha uns dez anos de idade ele se descobriu apaixonado por ela e logo em seguida desejou o seu primeiro beijo. Ela estava na época com onze anos e desejava beijá-lo, pois há muito sabia estar apaixonada. Clara era um pouco mais velha e mais esperta. As meninas apesar de muito românticas crescem mais rápido que os meninos; elas entendem as mudanças com maior precisão e talvez por isso costumam controlá-los. Controlam no sentido de que certas coisas feitas antes ou depois da hora perdem o encanto, às vezes, perdem até o sentido real. Por maior que seja a vontade que elas tenham de receber ou oferecer um beijo, por exemplo, elas sabem - talvez por terem recebido uma missão cósmica ou algo assim - que o sabor, o encantamento, o verdadeiro prazer de um primeiro beijo pode se perder caso ele aconteça na hora errada. Se aquele beijo ocorre fora do seu tempo – tempo este que só as mulheres têm condição de perceber - ele será apenas mais um dentre tantos que receberemos pela vida a fora e nunca o primeiro beijo. Clara, por ser mulher ou por ser especial, ou ambos, sabia que ainda não era hora daquele beijo acontecer, apesar da insistência dele. Sabia também que nem sempre o primeiro beijo torna-se e é lembrado, necessariamente como o primeiro beijo. O que ela não sabia, era que o destino jamais espera o tempo das pessoas ou sequer pensa em dar explicações para mudanças repentinas. E foi exatamente o que aconteceu na vida deles, uma mudança repentina.

Adultos - assim como o destino - sempre acham que não é necessário dar explicações para crianças; pensam que o mundo delas é sem importância, por isso imaginam que mudar de cidade não merece maiores explicações; pensam também que crianças terão sempre oportunidade de fazer novos amigos, e que perder velhos amigos não é assim tão significativo. Então ele e a Clara se perderam. Num dia estavam próximos de através do primeiro beijo selarem uma união eterna e, no dia seguinte, sem ao menos saberem o porquê, estavam separados por uma distância intransponível.

Hoje, ele que já beijou muitas meninas e muitas mulheres, sabe que sentirá eternamente a falta daquele primeiro beijo que nunca aconteceu; aquele beijo especial que ficou para depois e foi roubado pelo destino.

Nada

Gente é engraçada, complicada, difícil etc. Isso todo mundo sabe. O que quase ninguém sabe é que existe gente que é um nada. Espantado? Incrédulo? Pois é verdade, eu conheci um nada. Talvez seja uma nada. O ser – vamos chamá-lo assim – é tão desprovido de essência que fica difícil, senão impossível, defini-lo como feminino ou masculino. É um nada em toda amplitude da palavra, se é que um nada pode ser amplo, pode ter tamanho. Aquele ser não tem qualquer aspiração; não se acredita capaz sequer de sonhar, pensa que sonhos podem se realizar e realizações não são para ele. Aliás, nada neste ou em qualquer mundo é para ele. A não ser, é claro, o enorme e interminável nada que o rodeia. O vazio o invade com tamanha simbiose que ele é o próprio vazio, ele é o infundável nada. Separá-lo do vazio que o rodeia seria como criar pedaços de nada; teríamos partes que significariam nada e o imenso vazio seria apenas dividido em pequenos vazios, sem que isso alterasse sua condição de ser um nada.

O ser não sofre por ser diferente dos outros simplesmente porque não tem sentimentos, ele não tem nada. O espaço que ocupa é insignificante, ele é imperceptível. Circula entre outros de sua espécie, respira o mesmo ar, bebe a mesma água, no entanto, jamais reage a qualquer sensação, até porque não as tem. Ele existe não por implicância ou teimosia, existe por nada. A única pretensão que tem – se é que tem alguma – é vagar pelo vazio de sua estúpida existência até que alcance um fim sem ao menos ter começado algo. Em algum momento futuro ele não estará mais aqui, e isso não fará qualquer diferença porque todo o contexto de sua trajetória será apenas nada. Não existiu, não existe e jamais existirá. Quem pode se lembrar de um nada?

Nothing, nage, schwimmt, nuota, nada, mil vezes nada. Tudo o que ele consegue ser, em qualquer idioma, em qualquer parte, é um infinito nada. Às vezes creio que ele não existe, que imaginei tê-lo visto. Outras vezes penso que ele é eu. Mas se ele é nada e eu sou ele, então nós somos uma mistura vazia, um nada ao quadrado. Não existo, ao menos enquanto sou ele.

Você, caro leitor, está achando confuso, improvável, absurdo! Provavelmente porque não está tendo um dia ruim. Quer saber se eu estou bem? Estou sim, não se preocupe, vai passar, isso é só um dia daqueles, não é nada...

Praticidade

- Preconceito, isso é puro preconceito.
- Não é não. Você me conhece e sabe que não ligo pra essas coisas.
- Então por que você é contra o dia do orgulho gay?
- Praticidade, meu amigo. Eu penso sempre na parte prática.
- Não entendi. O que tem de prático na instituição do dia do orgulho gay?
- Esse sempre é o problema. Um sujeito tem uma ideia absurda, leva pra câmara municipal, todo mundo vota com medo de parecer preconceituoso e perder votos, depois quando os problemas aparecem ninguém é responsável.
- Você está exagerando e não respondeu o que tem de prático nesta estória.
- Veja bem. Eu sou heterossexual e tenho orgulho disso; como eu, existem muitas pessoas por aí.
- E daí?
- Daí que eu e todos os heterossexuais podemos reivindicar um dia do orgulho hetero.
- Por mim tudo bem, e qual o problema?
- O problema é que se a moda pega, em pouco tempo vamos ter, o dia do orgulho gay, o dia do orgulho hetero, o dia do orgulho das mulheres que apanham dos maridos e gostam disso, o dia do orgulho das meninas desdentadas do Nordeste que fabricam cestos de folha de babaçu, o dia do orgulho dos pintores de cabeça de alfinete, e sabe-se lá mais o que.
- Tá exagerando.
- Não estou não. Isso não para por aí, a coisa pode complicar mais ainda.
- Complicar como?
- O que você ia pensar se seu filho te pedisse para comprar cartolina, purpurina, tintas e outros trecos mais, tudo na cor rosa?
- Não entendi! Você não tá pensando que meu moleque aboiolou?
- Nada disso, imagina. Ele só vai precisar destas tralhas toda, para fazer o trabalhinho do mural da escola. E lembre-se que

você vai ter que ir à escola dele no dia da entrega do prêmio da melhor redação gay, no dia da olimpíada gay, no Dia dos Pais gay, no Dia da Independência gay...

- Chega!! O que é isso, tortura?

- Nem tortura nem preconceito, é praticidade.

- Tá bom. Então vamos ser práticos e pedir mais um chope.

- Agora você está me entendendo. Garçommmmm.....

Quinta-Feira

Estou atrás dela sim. Ando pela rua me esgueirando feito um detetive de comédia pastelão. Não sei exatamente por que estou fazendo isto. Amanhã vou me dar conta do ridículo da situação, mas hoje não consigo evitar. Não que esteja correndo desarvorado pelas calçadas, nada disto, eu apenas a sigo, e como ela caminha calmamente, passeando, olhando vitrines, eu não preciso correr; mas é claro que as pessoas na rua reparam no idiota bancando o investigador de quinta categoria a se esconder atrás de uma banca de jornal, na entrada de uma loja, estancando repentinamente e levando a mão até o rosto como se isso o ocultasse de alguém. Acho que ela não me vê, tenho quase certeza que não. Ou talvez tenha visto e resolveu se divertir. Ela sempre gostou de diversão. Talvez tenha sido por diversão que parou naquela esquina em que a peguei de carro todas as tardes de todas as quintas-feiras dos últimos cinco anos. Quem ela espera? Não é por mim! Se estiver esperando por mim ela não quer se divertir, ela é louca! Não faz meia hora que me dispensou. Foi fria, rápida e distante; terminou uma relação de cinco anos como se dispensasse um entregador de pizzas, só faltou dizer: “Fique com o troco”. Ela não sabe, mas não há troco quando se fica com a parte do desamor, simplesmente porque não sobra nada além de um grande vazio.

Um carro vermelho para. Um homem ao volante. Ela entra, beijam-se e o carro parte.

- Táxi, táxi. Siga aquele carro.

- O quê?

- Como o quê? O carro vermelho siga-o.

- Tudo bem doutor, o senhor é quem manda.

Cinco anos, duzentos e quarenta tardes de quintas-feiras; então sem mais nem menos ela me troca por outro e mantém o cenário, a mesma esquina. Será que disse ao marido que continuava indo ao analista ou inventou outra desculpa? Namorado novo desculpa nova? Não, ela não, ela é muito conservadora, é muito prática. O analista vem dando certo há cinco anos, porque trocar. Essa coisa de analista! Talvez eu tenha sido o instrumento da análise dela, agora ela avançou no tratamento e trocou o objeto, me trocou. Simples assim.

- Doutor, o carro entrou no motel, e agora?

- Encosta aqui, vamos esperar.

O carro parado, o motorista aborrecido liga o rádio. Imediatamente Caetano Veloso começa a cantar...*nosso amor não deu certo / gargalhadas e lágrimas / de perto fomos quase nada / tipo de amor que não pode dar certo/ na luz da manhã...* O mesmo motel. Como ela consegue? ...*como nunca se mostra / o outro lado da lua / eu desejo viajar / no outro lado da sua...* Será que ela está usando aquelas meias pretas que eu gosto tanto? Os cabelos negros, a pele clara e suave, nua e de meias pretas com rendas nas coxas. ..., *mas bem que nós fomos felizes / só durante o prelúdio / gargalhadas e lágrimas / até irmos pra o estúdio...* Traidora, os seios firmes, traidora, a boca úmida mordendo os lábios, traidora, os olhos semi serrados. ...*nada tem que dar certo / nosso amor é bonito / só não disse ao que veio / atrasado e aflito...* Eu a odeio. Acredito que também a amo. Posso ter os dois sentimentos simultaneamente? Posso viver sem ela? Acho que sim, preciso que sim.

O taxista desliga o rádio e sua impaciência aumenta, ele precisa falar algo para relaxar e então fala uma bobagem.

- Vida dura, hem doutor?

Pobre idiota, pensa que conhece a vida e as pessoas apenas porque dirige um táxi. Acredita pelo que viu até aqui, que pode me classificar como corno. Fui traído sim, mas ela me dispensou antes de consumir a traição. Corno é o marido dela! No entanto, talvez ele seja mais feliz, pois ainda a tem, enquanto eu descartado, fiquei sem ela e sem suas meias pretas numa quinta-feira vazia. Será que o motorista entenderia se eu lhe contasse a verdade? E se eu lhe desse detalhes? E se eu dissesse que sempre a dividi e não me importaria de continuar assim? Por um instante penso em contar, não tenho mesmo mais nada a fazer e possuo uma tarde inteira. Mas não, melhor não. Ele que pense que sou chifrudo ou o que mais quiser, já não importa, acabou mesmo.

- Toca pro Leme, bacana!

O táxi arranca pela tarde ensolarada de primavera enquanto uma lágrima escorre do meu rosto. Vou tomar um chope no calçadão; a tarde merece, eu mereço. Esse é meu jeito de fazer análise. Adeus meias pretas com rendas nas coxas. Adeus quintas-feiras. Adeus meu amor.

Ficar Só

Há um brilho especial nela, uma espécie de luz multicolorida a brotar de seu peito como flores num jardim. Seus olhos parecem uma nascente de arco-íris. Luz e Cor. Ela caminha reluzente pela calçada a iluminar as vitrines com sua presença; parece que um duende invisível a acompanha e, num sincronismo perfeito, acende luzes potentes cada vez que ela se aproxima das vitrines. Seu andar é leve e delicado, tão suave que ela parece flutuar de loja em loja. Poesia, pura poesia. Faz-me lembrar a música “As Vitrines” de Chico Buarque: *...passas em exposição / passas sem ver teu vigia / catando a poesia / que entornas no chão...* Estranho! A maior parte das minhas lembranças é musical.

Agora acho que ela também me observa. Creio que ela me viu e sorriu para mim. Há muito tempo uma mulher bonita não sorri para mim. Há muito tempo nada a minha volta sorri. Não que isso ainda me incomode ou aumente minha tristeza; sei que nos dias de hoje as pessoas raramente sorriem para estranhos, por mais que todos afirmem gostar de dar e receber sorrisos; acontece que ultimamente ninguém percebe minha presença.

Deste outro lado da rua retribuo o sorriso. Faço isso de maneira tão sincera e enamorada que ela para um instante a me olhar – agora tenho certeza de que me viu -, depois acena um adeus e dobrando a esquina desaparece levando toda luz e cor que havia na rua. Parece que a noite aconteceu, de repente tudo voltou a ficar negro e sombrio. Tenho um único consolo: acredito que me apaixonei. Isto muda tudo e apesar da escuridão penso na luz que um dia brilhou em mim.

Amanhã quando ela voltar – tenho convicção que voltará - vou falar com ela. Vou dizer da minha paixão, vou abraçá-la e me deixar envolver por toda aquela poesia, deixarei que toda luz e cor tomem conta de mim. Talvez chore um pouco em seu colo, estou precisando.

Já estou aqui a tempo demais; dia após dia a pensar e nunca entender o porquê de tudo ter acontecido de maneira tão absurda. Eu odeio estar nesta esquina, entretanto não consigo me afastar dela. Não consigo entender por

que fizeram isso comigo, eu ia entregar o dinheiro, ia deixar levarem o carro, não ia reagir. Por que eles tinham de usar de violência? Por que precisavam atirar? Por quê? Por quê?

Amanhã vou embora desta esquina; não sei para onde vou, mas sei que preciso sair daqui, basta de esperar uma resposta que não vem. Não parto agora porque não quero seguir sozinho, estou cansado de dor e solidão. Ficar só é tão ruim.